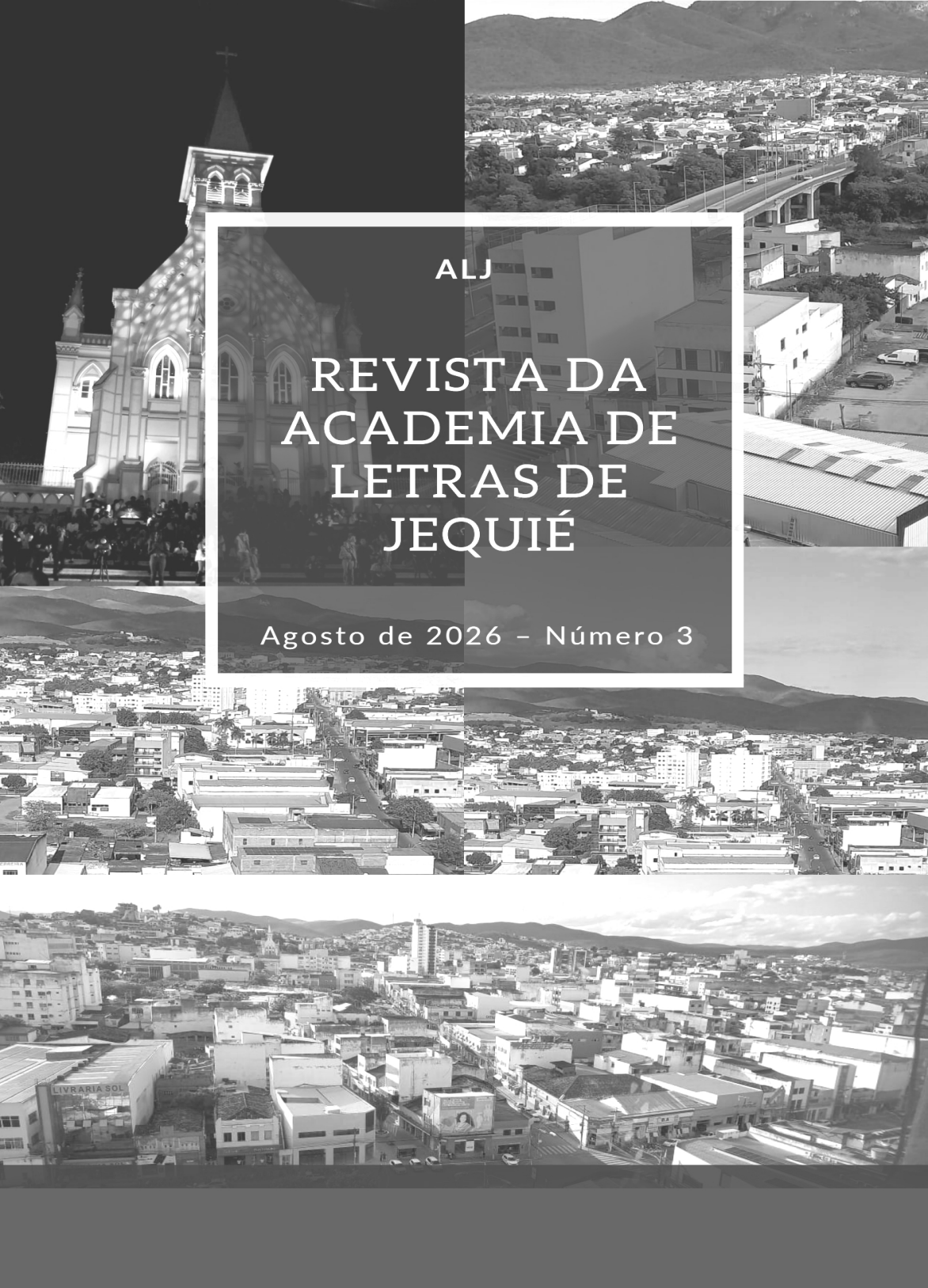




ALJ

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE JEQUIÉ

Agosto de 2026 - Número 3

Revista da Academia de Letras de Jequié

Agosto de 2026 – Número 3



Revista oficial da Academia de Letras de Jequié, ALJ, destinada à difusão da produção literária, científica e cultural de seus membros e convidados.

Publicação anual voltada ao fortalecimento das letras, das artes, da cultura e da memória literária de Jequié e Região.

Jequié – Bahia

Copyright © by Academia de Letras de Jequié, 2026
ACADEMIA DE LETRAS DE JEQUIÉ
Avenida Rio Branco, s/n, Sala 3, Centro – Jequié, Bahia, Brasil
CEP 45.200-011
Contato (73) 3527-4023
revistaalj@gmail.com

Diretora da Revista
Adriana Maria de Abreu Barbosa

Coordenação Editorial
Paulo Roberto Nogueira Silva e Renata Lima S. Albuquerque

Editoração, Revisão e Capa
Tácio Dê / Tertúlias Editora

Fotos Capa
Zenilton Meira/DRT-BA 1.562

Revista Anual de Literatura, Cultura e Ciências.
As informações e opiniões, assim como a redação, a revisão e o cumprimento das normas da ABNT para os artigos e periódicos, referências e citações, são da inteira responsabilidade dos autores.
(A Direção, 2026)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

ISSN: 1517-6355

SUMÁRIO

NOSSAS REVISTAS ACADÊMICAS.....	9
APRESENTAÇÃO.....	11
PREFÁCIO.....	13
PALAVRAS DO PRESIDENTE.....	16
TRANSIÇÃO DA DIRETORIA EXECUTIVA.....	18
Gestão 2023–2025.....	18
Gestão 2026–2028.....	19
Mensagem Institucional.....	19
 CONTOS.....	 21
DAQUILO QUE CHAMAM VIVER.....	23
Adriana Maria de Abreu Barbosa.....	23
DÍALOGO E INSPIRAÇÃO.....	29
Lélea Rêgo Amaral.....	29
A REVANCHE.....	33
Laé de Souza.....	33

CRÔNICAS.....	37
COTRIM!.....	39
Manoel Gomes Aragão.....	39
MARCAS QUE CONDUZEM – GEOMETRIA DO	
ENGANO.....	43
Wilson Midlej.....	43
O DIA QUE DEUS SENTOU NA CALÇADA.....	46
Renata Lima.....	46
ENSAIOS.....	49
À LUZ DAS VELAS DE SÃO JOSÉ.....	51
Laura Maria Caetano da Silva.....	51
CONSCIÊNCIA, EDUCAÇÃO E CULTURA DE PAZ....	55
Maribel Barreto.....	55
MINHAS CRENÇAS SOBRE GESTÃO: UM ENSAIO	
NECESSÁRIO.....	68
Sonilda Sampaio Pereira.....	68

O BANDITISMO DE JEQUIÉ – BAHIA: O BANDO DOS CAUAÇUS, ANÉSIA E AS FORÇAS POLÍTICAS E EXPEDICIONÁRIAS.....	87
Marcia do Couto Auad.....	87
JEQUIÉ NA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE LUIZ GONZAGA.....	99
Domingos Ailton Ribeiro de Carvalho.....	99
 POEMAS.....	 105
LEITURA PORTUGUESA.....	107
Manoel Gomes Aragão.....	107
POETRIX.....	110
Jussara Midlej.....	110
DOZE CANTOS DE AMOR.....	116
José Estelita Pinheiro de Aguiar.....	116
ETERNIDADE E OUTROS POEMAS.....	130
Sininha Porto Ferreira.....	130

NOSSAS REVISTAS ACADÊMICAS

A Fundação Pedro Calmon – FPC, vinculada à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, tem a satisfação de apoiar esta publicação, fruto da parceria com a Academia de Letras da Bahia (ALB), por meio da Rede de Integração Cooperativa das Academias de Letras da Bahia (RICA).

Esta iniciativa reafirma o compromisso das instituições envolvidas com a valorização da literatura, da memória e da produção intelectual baiana. Ao apoiar a circulação das revistas produzidas pelas Academias de Letras dos municípios, fortalecemos uma rede de promoção cultural que preserva histórias, registra saberes, valoriza identidades e amplia o acesso à produção literária em todas as regiões do Estado.

As Academias de Letras desempenham um papel essencial na vida cultural dos municípios baianos. São espaços de preservação da memória, incentivo à criação literária e valorização das identidades locais. Por meio de suas atividades e publicações, contribuem para que a riqueza cultural dos territórios permaneça viva, dinâmica e acessível às atuais e futuras gerações.

A Fundação Pedro Calmon parabeniza os escritores e escritoras que integram as academias municipais e que, com dedicação, talento e compromisso, mantêm viva a chama da literatura, da pesquisa, da memória e da reflexão crítica em suas comunidades. São homens e mulheres que registram o

seu tempo, preservam histórias, cultivam a palavra e contribuem para que cada município reconheça e valorize sua própria trajetória. Cada texto publicado, cada obra produzida e cada iniciativa realizada representam uma valiosa contribuição para o fortalecimento da cultura baiana.

Guiados pelas diretrizes de uma FPC mais Cidadã, mais Territorializada e mais Popular, acreditamos que o livro, a leitura e a literatura são instrumentos fundamentais para a formação humana, para o exercício da cidadania e para a construção de uma sociedade mais democrática, inclusiva e consciente de sua história.

Que esta revista seja mais uma ponte entre autores e leitores, entre memória e futuro, reafirmando a força da palavra escrita como patrimônio cultural do povo baiano.

Nosso reconhecimento à Academia de Letras responsável por esta publicação, à Academia de Letras da Bahia, à RICA e a todos os homens e mulheres que, por meio da literatura, ajudam a contar, preservar e projetar as histórias de seus municípios e da Bahia.

Sandro Magalhães
Diretor Geral da Fundação Pedro Calmon
Secretaria de Cultura/Governo do Estado da Bahia

APRESENTAÇÃO



Aleilton Fonseca*

A Revista da Academia de Letras de Jequié reafirma o seu compromisso essencial de produzir, cultivar, guardar e divulgar o pensamento e a criatividade de uma comunidade intelectual que se aprimora cada vez mais no cultivo das palavras, das ideias, dos saberes. Jequié é uma cidade que respira culturas e memórias plantadas às margens do Rio de Contas, construindo seu imaginário com tradição, poesia, narrativas, sensibilidade e reflexão. Portanto, esta revista é um espaço aberto ao encontro entre pensamento, arte e memória. Mais do que uma reunião de textos, ela constitui o registro da produção intelectual dos acadêmicos e acadêmicas da ALJ, representando as diversas vozes que ajudam a pensar a cidade, o estado e o país a partir da literatura e da cultura.

A importância cultural desta revista está justamente em ser uma ponte que interliga as margens do fluxo das ideias. Ela é uma ponte entre os autores e os leitores, entre a pesquisa e a sensibilidade, entre a tradição e as novidades, ponte de diálogo entre as diversas gerações. É por meio dela que damos visibilidade ao trabalho dos nossos autores e autoras, abrindo as portas da Academia para a comunidade e levando ao público a fertilidade das ideias. Divulgar essa produção é reconhecer que a literatura não acontece isolada, mas se fortalece quando circula, quando é lida, comentada e compartilhada.

Nesta edição, os leitores encontrarão a diversidade que caracteriza a produção intelectual da Academia, através de crônicas, contos, ensaios e poesias.

A seção de crônicas traz textos cuja marca afetiva salta aos olhos, na homenagem ao acadêmico exemplar, os movimentos das ruas, a sensibilidade das memórias. A seção de contos traz narrativas

ficcionais que traçam rumos e revelam os diversos jeitos de ser, em que o imaginário aproxima o sertão e a cidade, o real e o imaginário, através de personagens cujas histórias permanecem na memória do leitor. Assim, cada conto engendra um jeito de guardar a alma do povo em forma de ficção.

A seção de artigos demonstra os interesses de pesquisa, a reflexão crítica e o pendor ensaístico dos autores. São textos que se debruçam sobre aspectos da cultura, abordando temas de valor universal, sempre com método e rigor analítico. A palavra assume o papel de pensar questões do mundo, de registrar traços da memória e de propor diálogos com o conhecimento.

A seção de poesia reúne criações líricas, em sua forma mais livre e sensível. São versos que traduzem Jequié em suas imagens emblemáticas, cantando fatos do cotidiano, marcas dos afetos, assim como a dor e a esperança. Essa poesia mantém viva a musicalidade da língua portuguesa e nos lembra do poder da palavra curta para dizer o que é mais profundo.

Esta revista vai circular, será lida e apreciada nas escolas, na universidade, nas bibliotecas, nos lares e nas rodas de conversa. E assim vai inspirar novos escritores da cidade, reforçando o lugar da literatura como um bem simbólico de fundamental importância para a Cidade Sol do Sudoeste da Bahia.

*escritor, professor de literatura, titular das Academias de Letras: da Bahia, de Itabuna e de Ilhéus e membro correspondente da Academia de Letras de Jequié.

PREFÁCIO



Ivonildo Calheira*

Com muita honra, recebi o convite para escrever o prefácio da Revista da Academia de Letras de Jequié (ALJ). Não tem como falar da ALJ sem falar sobre o saudoso poeta dourado Luís Cotrim. Luís Neves Cotrim, ou Cot para os mais próximos, foi quem sugeriu a ideia

de criarmos uma academia de letras na Cidade Sol, durante um dos almoços no Rotary Club de Jequié, quando eu era o presidente da entidade. Estava finalizando meu mandato, mas acatei rapidamente a sugestão e priorizei a fundação da Academia de Letras de Jequié como uma das principais metas da minha gestão.

A fundação da ALJ ocorreu no dia 20 de junho de 1997, em uma concorrida noite festiva no Aristocrático, como era conhecido o Jequié Tênis Clube (JTC). Estavam presentes professores, estudantes, políticos, inclusive o então prefeito Luís Amaral, amantes da cultura e a sociedade de uma forma geral. Ficou gravada em minha mente a cena do poeta Waly Salomão, que adentrou com passos largos o salão do JTC, com o seu inesquecível vozeirão, declamando, de braços abertos, um dos seus belos poemas. A reunião estava em pleno andamento, mas todos pararam para admirar um dos principais ícones culturais de nossa cidade.

A criação da Academia de Letras de Jequié representa um dos mais importantes marcos da história cultural de Jequié e foi inspirada na tradição das academias literárias francesa e brasileira. A nova instituição está composta por quarenta cadeiras permanentes, cada uma vinculada a um patrono de reconhecida relevância para a literatura e para a história. Além de Luís Cotrim, participaram da sua fundação nomes como Lomanto Júnior, Milton Rabelo, Maria Eleonora Cahahiba, Lúcia Prisco, Émerson Pinto de Araújo, dentre outros.

A ALJ tem como metas principais preservar o patrimônio cultural, incentivar a produção literária, estimular a pesquisa histórica e contribuir para a formação intelectual das novas gerações.

Na primeira eleição da diretoria, fui escolhido como o primeiro presidente. Em onze anos de gestão, conduzi o processo de consolidação institucional, coordenando a implantação do Estatuto, a organização das cadeiras acadêmicas, as conferências, os lançamentos de livros e outras atividades culturais que reforçaram a presença da Academia na vida intelectual da cidade, bem como o intercâmbio com outras instituições similares. Além disso, realizamos concursos literários nacionais, com a consequente publicação dos livros referentes aos mesmos, consolidando-se como referência na preservação da memória histórica e literária de Jequié e do sudoeste baiano.

Ao longo de sua trajetória, a Academia de Letras de Jequié tornou-se um espaço permanente de reflexão,

produção cultural e difusão do conhecimento, reafirmando o compromisso de preservar o passado, compreender o presente e inspirar o futuro.

No próximo ano, a ALJ completará 30 anos de fundação, e fico feliz em ver que ela continua pujante, com ingresso de novos acadêmicos atuantes, dispostos a continuar escrevendo com letras douradas capítulos históricos da nossa querida Cidade Sol.

A história da Academia confunde-se, assim, com a própria história cultural contemporânea de Jequié, mantendo viva a missão idealizada por seus fundadores: fazer da palavra escrita um instrumento de memória, de conhecimento e de transformação social.

* Médico Oftalmologista, escritor, fundador e primeiro presidente da Academia de Letras de Jequié.

PALAVRAS DO PRESIDENTE

O Renascer das Letras



*Júlio Lucas**

Eis que, após um hiato prolongado, chega às mãos de nossos leitores a terceira edição da Revista da Academia de Letras de Jequié (ALJ). Mais do que uma coletânea de textos, esta publicação é o reflexo vivo do momento de profunda renovação e efervescência cultural pelo qual passa a nossa amada instituição.

A ALJ abre suas portas para o futuro. Esta edição floresce sob a égide da inovação, impulsionada pelo recente ingresso de oito novos acadêmicos e acadêmicas, cujos talentos e vivências passam a oxigenar nossa produção literária. Como prova dessa força renovadora, a concepção e a materialização deste projeto foram confiadas a um recém-criado conselho para este propósito. Sob a direção dedicada da confrreira Adriana Abreu, o corpo editorial — composto também pelos estimados confrades e confreriras Paulo Nogueira, Renata Lima, Luziê, Carlos Vaz e Júlio Lucas, sua maioria recentemente empossada — demonstraram que o futuro da nossa academia já se faz presente.

Este lançamento coincide, ainda, com um marco histórico de transição. No momento em que estas páginas ganham vida, vivenciamos a mudança da nossa Diretoria

Executiva. Ao encerrar o meu ciclo na presidência, é com profunda honra e otimismo que vejo a liderança do próximo biênio ser assumida pela eminente professora Sonilda Sampaio. Sob sua condução, tenho a plena certeza de que a ALJ continuará trilhando o caminho da excelência e da sensibilidade.

Nas páginas que se seguem, o leitor encontrará um banquete literário recheado de contos, crônicas e ensaios moldados pela pena de nossos imortais (novos e veteranos). São produções que versam entre o ineditismo e o resgate de textos reeditados, agora oferecidos generosamente aos olhos e ao coração do público em geral.

Por fim, cumpre-nos o justo dever da gratidão. A concretização desta revista só foi possível graças à sólida e generosa parceria com a Academia de Letras da Bahia, nossa irmã primeira, sob a liderança do dedicado escritor e presidente Aleilton Fonseca. À colaboração irrestrita, somam-se o precioso apoio da Fundação Pedro Calmon, e o suporte de excelência da Empresa Gráfica da Bahia (EGBA), parceiros fundamentais na salvaguarda da nossa memória cultural.

Que as linhas desta terceira edição inspirem, provoquem e encantem, sob os ideais da democracia, da civilidade e do progressismo que norteiam esta instituição acadêmica. Viva a literatura de Jequié!

*Presidente da Academia de Letras de Jequié, filho de pernambucanos, nasceu em Paulo Afonso, na Bahia, e há mais de duas décadas reside em Jequié. Escritor, poeta, produtor, roteirista e editor, desenvolve uma trajetória marcada pela atuação nas diversas áreas da criação literária e cultural.

TRANSIÇÃO DA DIRETORIA EXECUTIVA

Gestão 2023–2025 para o biênio 2026–2028

A Academia de Letras de Jequié – ALJ registra, nesta edição de sua Revista, a transição da Diretoria Executiva, reconhecendo o trabalho desenvolvido pela gestão que encerrou seu mandato e saudando a nova diretoria eleita, responsável pela condução da Instituição no biênio 2026–2028.

A mudança de gestão representa a continuidade do compromisso da Academia com a promoção da literatura, da cultura, da memória e da produção intelectual, preservando seus princípios fundadores e renovando seus propósitos institucionais.

Gestão 2023–2025

Cargo	Membro
Presidente	Júlio Pereira Lucas Neto
Vice-Presidente	Sonilda Sampaio Santos Pereira
Secretária-Geral	Maribel Barreto
Vice-Secretária	Márcia Rúbia Gomes de Oliveira
Diretoria Financeira	Adilson Gomes
Diretoria de Relações Públicas e Eventos	Zilda Freitas
Diretoria de Acervo e Publicações	Leonam Oliveira

*Com reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à
Academia de Letras de Jequié durante o exercício de seu mandato.*

Gestão 2026–2028

Cargo	Membro
Presidente	Sonilda Sampaio Santos Pereira
Vice-Presidente	Maria Afonsina Ferreira Matos
Secretária-Geral	José Carlos Vaz de Souza
Vice-Secretária	Márcia Rúbia Gomes de Oliveira
Diretoria Financeira	Manuel Gomes Aragão e Renata Lima dos Santos Albuquerque
Diretoria de Relações Públicas e Eventos	Júlio Pereira Lucas Neto e Wilson Luiz Midley Silva
Diretoria de Acervo e Publicações	Adriana Maria de Abreu Barbosa e Paulo Roberto Nogueira Silva

Mensagem Institucional

A Academia de Letras de Jequié expressa sua gratidão aos membros da Diretoria Executiva da gestão 2023–2025 pelo empenho e dedicação dispensados à Instituição.

Ao mesmo tempo, saúda a Diretoria Executiva eleita para o biênio 2026–2028, desejando uma administração marcada pelo espírito acadêmico, pela valorização da literatura, pelo fortalecimento da cultura e pela continuidade das ações que consolidam a missão da ALJ.

CONTOS

DAQUILO QUE CHAMAM VIVER

Adriana Maria de Abreu Barbosa



Adriana Abreu, Carioca morando em Jequié desde 2006. Professora Plena da cadeira de Teoria da Literatura na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia(UESB) Graduada(UERJ), Mestra (PUC-Rio) e Doutora(UFRJ) em Letras.

Ocupa a cadeira 16 da Academia de Letras de Jequié(ALJ). Feminista e mãe de Gabriel.

DAQUILO QUE CHAMAM VIVER

Para Helena Parente Cunha (in memoriam)

6 de novembro

Tropeços e quedas...

Agitada por dentro. Querendo respostas que o mundo não traz.
OU o mundo não traz as respostas que ela queria...

Nunca foi muito resiliente. Deus tem planos melhores, é o que dizem. Ela insiste nos seus planos à revelia dos planos divinos. Agnóstica porque ateia lhe parece insubordinada demais. Teme os castigos divinos?

Retorna agitada vai cumprir uma tarefa, exercer um direito. Querir ir? Talvez não... Parecia o certo a fazer...

Foi... quis o destino(?) o acaso(?) ou mesmo Deus que despencasse com a cara no chão no cimento duro da realidade que só o rez do chão sabe materializar. Sangue pra todo lado.

Sim, ela sangra. Olha perplexa no espelho. Rachadura no lábio. Sorriso prejudicado por um dente que perde a ponta. Um bando de gente ajuda. Há ajuda... Ela precisa de ajuda!
Constatações insuportáveis...

Limpo o sangue, pedaço de dente guardado na carteira. Comparece em local da eleição. Vota.

Volta para casa com raiva e tristeza. Escolhas burras; consequências amargas. *Tinha nada que sair esbaforida para apagar incêndios imaginários construídos por excesso de responsabilidade ética.*

Fica assim de quinta a terça. Dores. Manchas roxas por outras partes do corpo. Um dente restaurado, mas com suspeita de fissura de raiz. Aparência boa vai voltando. O lábio dói.

Crises de consciência. Pensa ela: *___ estamos sempre por um triz. Impotência. Impotentes.*

Humanos e mortais.

O que fazer até o derradeiro momento de vida? Por onde ir? Aonde não ir? Quem chamar para dançar? O que fazer do agora? Presente? Presença? Acolher a tristeza até quando? Quando voltar a dançar? Existe livre arbítrio?

Ela pode esperar e ter esperanças. Pode?

9 de novembro

Volta por cima

A tomografia descreve uma fissura, mas fala em algo preservado. Mesmo a mais pessimista das criaturas pode manter alguma esperança. Três dias para dentista dar um *feedback*. Oscila entre pensar positivo e ter medo do futuro, sobre a temática do dente e sobre vários assuntos da vida. *Uma realista esperançosa com crises de pessimismo e ansiedade. Assim se define.*

Boas notícias, Dona Gertrude! O dentista estava animado com a tomografia Teve um momento de lucidez e gratidão. O que garantiu sono profundo naquela madrugada. Não demorou muito para voltar a reclamar. Lembrem que avisei das crises de pessimismo.

Queria um *date*, uma sedução barata de sexta para ela acreditar que era especial. O elogio vindo de fora, mesmo suspeito, valendo muito mais que qualquer tentativa de validação interna.

Nascemos ou nos tornamos mulheres? Tantos anos de análise ...

Meu Deus Tantas leituras feministas ...

Meu Deus... sussurra ela. Mas ela clamou por Deus?

Força de expressão.

12 de novembro

Impressões

Sorriso amarelo

Dente remendado

Pouca euforia

Há dias que o existir se arrasta

Nenhum projeto neste momento a anima a findar o semestre.

Animaria a ela um convite sexual

Animaria uma paixão correspondida

Tudo que lhe acenda o corpo e lhe confirme que está viva.

14 de novembro

Felicidades

Tristeza não tem fim, felicidade sim, cantarola para acessar alegrias.

Acalma-se com mantras simples: feliz por instantes porque felicidades são momentos. Repete verdades transitórias. Embora deteste qualquer coisa que lembre discursos de *coaching*.

Precisa diminuir horários no *Instagram* e no *whatsapp*. A vida passa lá fora.

Um filme brasileiro foi premiado... e chegou na cidade interiorana.

Um processo contra o Estado de direitos trabalhistas favorecido

Um pôr do sol e uma lua cheia.

Feliz? Você é feliz, Gertrude?

17 de novembro

Entre materialidade e desejo

Queria presença; só tem mensagem eletrônica.

Jovem senhora em tempos de amores líquidos. Experiencia o que explicava Baumann. Intelectual orgânica. Existencialista de base, mas praticando o desapego contemporâneo. Teoria e prática indissociáveis.

Mas vamos aos fatos: ela tem agora um dedo do pé e um dente inflamados.

Inflamações. Inflama-se. Ideias afetam o corpo. Neurovegetativa desde jovem. Sintomas falam o que a boca cala.

20 de novembro

Lidando com o tangível

Dente restaurado. A pele sem rastros do tombo. Sem manchas roxas como pistas. Apagam-se tropeços? Restaurada, aceita finalmente convite para deleites.

Mamãe posso ir? Quantos passos até a próxima queda? Passos de elefante ou formiguinha? Um é largo chega logo, outro precisa de muitos para chegar... Memórias de quando a vida era brincadeira. Está proibido brincar?

Ande, menina. Afinal, de quantos passos se faz um caminho sem tropeços? Ou paus uma canoa?

Memória dos ditos, parlendas, histórias. Um folclore interno de sabedoria popular. Soma-se a isso uma filosofia eurocentrada de virtudes acrescida de muitas verdades familiares herdadas. Está proibido brincar?

Entre um tropeço e outro: ela opta por novas danças: novas esperanças.

Levanta-se do chão, menina! Mas os tombos não são mais de quem ensaia o andar. Cuidado! Dizem que velho morre de tombo ou caganeira.

Velha? Ofendida reage: os cinquenta são os novos trinta. Diva não envelhece vira vintage e panela velha é que faz comida boa. Clichês debochados e satíricos mantêm o humor ácido da menina à maturidade. Esse humor tem raiz paterna.

Ela acredita que esperar e dançar resumem o viver. Duas aptidões herdadas da mãe: a dança e a esperança.

Estaria proibido acreditar? Está proibido proibir... remanescências de juventude rebelde ... referências filosóficas tropicalistas.

Primavera (Porque ainda é novembro)

De tombo em tombo, persiste ela naquilo que chamam viver. Entretanto evita roteiros já manjados. Gosta de ser criadora e criatura. Acredita em livre arbítrio, embora nunca negue as circunstâncias, as referências, o vivido e o herdado. Não nega inclusive Deus. *Sou agnóstica _ diz ela _ e não ateia.*

Gertrude sabe, porque já viveu cinco décadas, e sabe também, porque fora embalada pela MPB. Mas o que sabe, Gertrude? Ela sabe que *viver é melhor que sonhar e que o hoje é semente do amanhã. E que aquela menina hoje é uma mulher.*

DIÁLOGO E INSPIRAÇÃO

Lélea Rêgo Amaral



Atua nas áreas de cultura, educação e desenvolvimento social em Jequié-BA, com produção literária marcada pela reflexão sobre arte, natureza, sensibilidade e relações humanas. Professora aposentada da UESB, é graduada em Ciências Sociais (UFMG), mestra em Ciências Sociais (PUC-SP), doutora em Educação: Psicologia da Educação (PUC-SP), membro da Academia de Letras de Jequié (ALJ).

DIÁLOGO E INSPIRAÇÃO

Elas queriam encontro diferente! Dar um não às reuniões conhecidas: chá da tarde; café da manhã; de mesa de bar e “comes e bebes”; salões de festas com valsas e tudo, como nos tempos de outrora... E um sim à mudança: novos conhecimentos, experiências, descobertas, emoções! Então, por que não ousar, optar por novos espaços, conversas, contatos? Aninhar-se no colo da Mãe Natureza; sonhar ideias, ideais; projetos e esperança, em aliança com outrem, principalmente com aqueles que são marginalizados. Com certeza encontrariam o caminho almejado, e teriam a companhia da amiga Inspiração.

Lamentaram a inexistência de um parque na cidade. Todos os lugares deveriam possuí-lo. Como seria bom um lugar arborizado, florido, com regato a murmurar, chilrear de pássaros! Decidiram, então, por um acampamento em espaço que propiciasse tudo que ansiavam.

— Um acampamento! Eis a solução!

— Está decidido!

— Serão atividades variadas e serão contemplados todos os turnos do desenrolar de um dia. Poderemos aproveitar para adquirirmos novos conhecimentos no percurso entre a cidade e o campo.

— O que facilitará contatos com pessoas e até culturas diferentes!

— Ah, este nosso Brasilzão! Permite que conheçamos coisas, as mais variadas... Enveredando pelos caminhos que levam à paisagem natural, conheceremos também a variedade da paisagem humana!

— Sim, e mais ainda... Propiciará momentos para relaxamento, meditação, reflexão, sintonia com energias cósmicas!

— Penso também na importância dos nossos sentidos. Não só os cinco já conhecidos, mas também daqueles que a ciência vem colocando em pauta, através da neurologia, da psicologia, da psiquiatria e tantas outras áreas. Os sentidos nos aproximam da inspiração e da criatividade.

Já no local do acampamento, e tendo sido tomadas as decisões práticas, passaram a falar de si mesmas, de suas próprias experiências e impressões. Passaram a expor suas características, habilidades, seu SER, enfim...

— Desde nosso trajeto de vinda, eu e minhas filhas aproveitamos a oportunidade de conhecer e sentir a vida das gentes que encontramos pelo caminho. De início, o burburinho da cidade se preparando para a jornada do dia. Alcançando as

estradas que levam à zona rural, passamos a observar a variedade da paisagem humana, gentes por séculos esquecidas, lutando por seus direitos e buscando visibilidade: trabalhadores rurais, povos indígenas, comunidades quilombolas, acampamentos dos sem-terra, comunidades assentadas, acampamento cigano... Diversidade esta, que incita nosso conhecimento, sensibilidade, emoção, criatividade! A difícil presença da inspiração vem de vários modos e por vários motivos: do contato como este que estamos a realizar, com a alegria e até com a dor. Portanto, ela vem de tudo e de todos. Aqui em contato com a Natureza, o vigor de sua pulsão facilita a chegada da inspiração.

— Como você, também alimento minhas ideias assim, mas principalmente com os Homens. Mergulho na vida destes, recorrendo a muitas disciplinas: psicologia, história, ciências sociais... Na Natureza procuro a serenidade que me leva à criação!

— Já eu, mergulho na mesma medida na vida dos Homens e dos demais seres. Meus movimentos são buscados no cotidiano da vida humana, mas também podem se espelhar no meio ambiente: nas ondas calmas ou revoltas do mar; no bailar das folhas verdes sopradas pelo vento; no pousar suave de folhas secas que caem ao chão; no rodopio de um redemoinho; no movimento de pétalas-saias de flores, que dançam ao som da música das cigarras. Posso ter as praias como palco para variadas coreografias!

— Parece até que dependo mais do estado frenético dos homens, vez que estão sempre me procurando! Mas preciso, principalmente, dos sons naturais para fazer pulsar minha

criatividade. Busco os ruídos quase imperceptíveis do orvalho da manhã que pingam das folhas ao chão; dos sons da pequena queda d'água que teima em saltar as pedras do riacho; dos gorjeios dos pássaros saudando o amanhecer ou despedindo do dia; dos chiados que indicam a presença de bichinhos do mato; da chuva torrencial, ou pingos suaves que adubam a terra; do farfalhar de folhas secas e do cantar do vento entre as frestas das árvores.

— Também sou indispensável: obra dos homens, através da ciência, mas fecundada no terreno da Natureza... Quem ensinou aos Homens que uma obra robusta pode se apoiar em estrutura aparentemente frágil como a do caule de uma flor ou folha?!

— Estou eu e meus filhos sempre em labor, sempre observando Homens e Natureza! Reparamos, documentamos e retratamos manifestações suas: deles, suas obras; dela, suas paisagens e Seres... O sol nascendo ou se pondo, oferecendo suas variadas cores; das matas e outros tipos de vegetação, das flores, frutos, legumes... também suas cores, texturas e formas variadas. Todos os nossos sentidos, mas principalmente a visão e o tato em constante alerta. Dos filhos, alguns empunhando estiletes, cinzéis, espátulas... Outros com suas tintas, seus pincéis, telas... Outros com seus lápis de cor, papéis... Outros ainda utilizando suas próprias mãos nos ofícios que as exigem. Também eu, assim como a nossa companheira Dança, usufruo a areia das praias, além de buscar o barro na terra! Todos nós cientes de nosso papel, da importância do nosso fazer artístico, em busca da inspiração, em diálogo com outrem e com a Natureza.

(...)

A REVANCHE

Laé de Souza



Laé de Souza é autor de livros voltados ao público infantojuvenil e adulto, coordenador do Grupo Projetos de Leitura (projetosdeleitura.com.br) e idealizador de programas de incentivo à leitura desenvolvidos em espaços públicos, escolas, terminais rodoviários, estações de metrô e hospitais.

A REVANCHE

Estava em repouso, no quarto, após uma leve refeição, quando entra, esbaforido, meu neto, recém-chegado da escola, com a mochila ainda às costas e o celular na mão, mostrando-me a imagem de uma foto antiga, daquelas impressas em preto e branco, e perguntando:

– Vovô, esse garoto aqui, de cabeça baixa, é você, que perdeu uma luta para o avô do Dani?

Sem se incomodar com os chamados da mãe para que deixasse o avô descansar e fosse almoçar, continuava com o aparelho na mão, olhando para mim como quem exigia uma resposta. Não havia como negar, e eu nem poderia. Confirmei, a contragosto, informando que aquela luta eu perdera, mas que em outras eu fora vencedor. Senti que ele não aceitou muito bem a resposta e ficou pensativo enquanto se retirava devagarinho.

Quando soube, dias antes, que o meu neto estava estudando na mesma turma que o neto do Oranildo fiquei incomodado. Eu e Oranildo sempre nos desentendêramos desde crianças. Era um importunando o outro o tempo todo em que estávamos juntos. Fomos colegas de escola, vizinhos e, quando meu pai me colocou para fazer aulas de boxe, acho que Oranildo viu ali uma oportunidade de me surrar, entrando também na mesma academia.

O professor, percebendo aquilo, evitava nos colocar frente a frente, mas, vez ou outra, treinávamos juntos, e Oranildo pegava pesado. A tal foto mostrada pelo meu neto foi tirada durante a preliminar de uma luta no estádio de futebol da cidade. O professor conseguiu que seus alunos de boxe fizessem a abertura e, em sorteio, tive como adversário justamente o Oranildo.

Aquela derrota me afligiu profundamente, e fui alvo de troça dos colegas por muito tempo. Quando eles começavam a esquecer, Oranildo fazia questão de relembrar. O pai dele, bisavô do Dani – colega do meu neto – quando via meu pai, tirava a tal foto da carteira e zombava.

Nos meus sonhos, eu sempre me via vencendo Oranildo. Mas ficava apenas nos sonhos, por mais que eu treinasse. Não contei isso ao meu neto, pensando que o assunto cairia no esquecimento. Mas qual nada. Dois dias depois, ele chegou da escola, correu ao meu encontro durante minha caminhada diária e disse:

– Vô, nós vamos para a desforra. Falei com o Dani, e o avô dele aceita. Disse que ele falou na maior gozação “Topo! Bati no

menino e agora vou bater no velho”. Isso não pode ficar assim não, vô. Nós vamos para a desforra.

Tentei tirar aquela ideia da cabeça dele, dizendo para deixar aquilo para lá. Mas, a cada dia ao chegar da escola, vinha conversar comigo sobre a tal luta com o Oranildo. Contou-me que ele e o Dani já haviam falado com o professor de uma academia de luta perto da escola, e que o homem autorizara o uso do ringue para o combate.

Insisti para que esquecesse aquilo, mas ele argumentava que Dani mostrava a foto com o avô ganhando a luta para os colegas da escola, e que eu precisava lutar e ganhar. Tanto fez que, por fim, aceitei.

A luta deveria acontecer em absoluto segredo dentro de casa. Disse ao meu neto:

– Segredo dos teus pais e, principalmente, da tua avó, minha mulher. Senão, eles impediriam tudo.

Ele concordou, mas com a condição de ter como plateia os alunos da academia e os colegas da escola, com direito a torcida que, segundo ele, seria enorme.

Marcaram a data e, acreditem, a cada dia meu neto chegava da escola trazendo um bilhete com bravata do Oranildo: “Vai apanhar de novo, Anastácio”.

Um tormento!

Enfim, chegou o dia e, às escondidas, fomos para a academia. Lá me arrumaram um calção e um par de luvas. Ao entrar no ringue, vi que a casa estava realmente lotada, e fui ovacionado pela torcida levada pelo meu neto. “Anastácio! Anastácio!” gritavam.

Entrou Oranildo, meu adversário, acompanhado também de uma torcida considerável, não posso negar.

Soou o gongo para iniciar o combate e, Oranildo ainda dava voltas ao meu redor, no mesmo estilo provocador de sempre, quando ouvi o grito de minha mulher:

– Que palhaçada é essa, Anastácio?!

Quando olhei para o lado, ela entrava furiosa, acompanhada de minha filha. Nem deu tempo de voltar os olhos para Oranildo quando recebi uma direita no olho que me levou à lona.

Quando dei por mim, ainda caído, o juiz contava:

– Oito, nove, dez! – e levantou a mão de Oranildo como vencedor por nocaute.

Soube depois que, momentos antes da luta, uma vizinha, sabendo da história, correu para contar à minha mulher o que estava acontecendo.

Bati o pé com o meu neto, afirmando que a luta teria sido vencida por mim, não fosse aquela chegada inesperada que me tirou a concentração.

Passados alguns dias, dando o assunto por encerrado, ontem eu lia o jornal na sala quando meu neto chegou e, cruzou os braços olhando para mim.

Abaixei o jornal e perguntei:

– O que foi?

E ele respondeu:

– Vô, falei para o Dani que, com a entrada da minha vó, o resultado não foi justo. E nós queremos uma revanche.

Boquiaberto, estou até agora sem lhe responder e sem saber como tirar essa ideia maluca da cabeça do meu neto.

CRÔNICAS

COTRIM!

Manoel Gomes Aragão



Manoel Gomes Aragão, jequieense, Biólogo, Analista Químico, Educador, Jornalista, locutor de rádio e TV, Especialista em educação, escritor membro da Academia de Letras de Jequié, Autor de três livros e com outras obras em preparo. Exerceu quatro mandatos como vereador, presidindo a Câmara Municipal e atuou como Secretário Municipal em Jequié e Administrador na Prefeitura de Jaguaquara. Foi Diretor de três colégios e professor por quase cinco décadas, Coordenador do CSU e do Sudic, atua como empreendedor imobiliário.

Parabéns, Cotrim

Um dia, não tão distante, pode ter sido anteontem ou ontem, ou quem sabe, será amanhã também... uma fada fez surgir. “Um fadado às Letras”.

De um encanto, só poderia surgir outro encanto.

Uma rosa, talvez, púrpura como o sangue.

Ou um jardim de mil flores e beija-flores que polinizam fazendo surgir as variedades das espécies.

Assim, posso explicar a presença deste ser
PARADISIÁCO, melhor ainda, PARADIGMA.

Que por ser encantado não sei sua idade, só sei que seus cabelos embranqueceram, sua voz, coisa rara, sua inteligência, poder e força bem maior.

Gosto de chamá-lo de menino lindo!

A fada, na sua sabedoria geneticista, o fez homem.

Daí por diante, este fabuloso ser... fadário de um existir sólido neste sertão árido, nesta terra acolhedora, neste torrão sagrado – Jequié!

Aqui, fez história e tornou-se Real.

Transpõe as barreiras do tempo e espaço, caminha suave como a brisa que passa. Mesmo fadado, conquistou sua liberdade no existir cósmico e, sendo homem, foi filho, irmão, tio, desejado por todos; professor, legislador, cronista, poeta, romancista, pensador, amigo de todos e companheiro dos livros; esposo, pai, avô dedicado e sutil. Ele não foi apenas, é e continuará sendo... Na Cidade Sol Cotrim é uma referência não apenas poética, mas de uma cultura geral.

Não podemos imaginar a Livraria Sol, sem Cotrim; as colunas sociais dos semanários, sem Cotrim; o “Quintal” e um copo de cerveja, sem Cotrim;

Um amanhecer com rosa vermelha nas emissoras de rádio da cidade, sem Cotrim;

Uma jovem musa em flor, sem Cotrim;

Uma presença branda de paz e harmonia eterna, como se ali uma corte celeste de Anjos, Arcanjos, Serafins e Querubins... estivesse presente, sem Cotrim...

Cotrim é tudo isso e muito mais.

Esposo da pró lone, Pai de Luisinho, avô de Lorena e Neto, sogro de Eliana, amigo de todos os Jequieenses...

Ó idade vivida, na vida do saber. Na educação dos jovens, na introspecção do Ler... Nos mistérios das letras, teus olhos aparecem.

Tuas crônicas e palestras ecoam e permanecem.

Estes teus cabelos brancos. Introspecção do ser.

Teus pensamentos brandos, estimulam um novo amanhecer.

És criança, és adulto, és ancião, menino lindo...

És um jardim de rosas ou apenas uma rosa vermelha!

Púrpura, rubra, como teu coração; de um eterno amor.

Este teu amor Cotrim, é uma ama nutriz...

É luz, é calor, é uma geração em flor.

Nunca vi tamanha paz, alegria que satisfaz.

Chuvas de simplicidade, poesia nesta cidade.

Inteligência de um Pai, sabedoria de um rei.

Tua letra sempre vai construindo até leis.

Ó Cotrim! Luz dos poemas... poesias, romances, crônicas, contos... Que aqui é mais vida e história. História de Jequié!

Na passagem do teu aparecimento, aproveito essa crônica para contar um segredo que a fada me revelou:

Fiquei surpreso, pois, até aqui julguei que este fadado ser não tinha idade.

Mas o segredo que me contara a fada, pediu-me que propagasse ao mundo.

Que este ser de luz, mentor da Academia de Letras de Jequié, faz oitenta anos de idade. Mesmo vindo de outra cidade, trazendo lembranças e recordações das emoções por lá vividas.

Foi aqui em Jequié que se tornou filho honroso, dos mais ilustres. Pai de uma geração em flor. Uma rosa vermelha para você.

MARCAS QUE CONDUZEM – GEOMETRIA DO ENGAÑO

Wilson Midlej



Wilson Luiz Midlej Silva é membro da ALJ, jornalista, escritor, bacharel em direito, presidente do Instituto Pensar Jequié e integrante da diretoria da Associação Bahiana de Imprensa – ABI.

**“Há textos que se escrevem com tinta.
Outros, com o tempo vivido...”**

W. Midlej

Durante anos acreditei ter amado cinco mulheres. Não ao mesmo tempo — convém esclarecer, para que a moral alheia não se assanhe. Amei em épocas distintas, com o fervor possível de cada idade e com a cegueira correspondente. Cada uma me pareceu única, absoluta, irrepetível. E talvez fossem mesmo... A primeira surgiu quando o mundo ainda cabia em promessas. Tinha riso leve, passos lentos, olhar contemplativo e uma falta de pressa luminosa diante da vida. Falava como quem inaugura manhãs. Eu a amei com a inexperiência dos que confundem eternidade com entusiasmo, valentia com poesia. A segunda apareceu alguns anos depois. Já trazia, nos olhos, certa prudência, embora conservasse a beleza de quem, ainda, desafia espelhos. Conversava melhor, escutava melhor, escolhia melhor as palavras. Havia aprendido a diferença política entre

camponeses e mateiros. Eu a amei com menos vertigem e mais desejo de permanência.

A terceira, encontrei em tempo de batalhas. Era firme, organizada, dessas criaturas que sustentam o telhado, enquanto a chuva cai. Tinha mãos ocupadas, agenda cheia e uma coragem sem alarde. Vieram então os compromissos invisíveis, esses que não dependem de cartório. Chegaram os filhos: quatro. Cada um deles representou conquista equivalente entre as lidas da vida. Eu a amei como se ama a coluna de uma casa: nem sempre com poesia, mas com absoluta necessidade.

A quarta me surpreendeu quando muitos já se rendiam ao costume. Enquanto tantos envelheciam repetindo o que já sabiam, ela amadurecia aprendendo. Foi somando estudos, diplomas e saberes, até chegar aonde poucos chegam — sem nunca se afastar de onde veio. Professora primeira de vocação, depois graduada em Letras, mais tarde em Pedagogia, seguiu adiante entre especializações, mestrado, doutorado e pós-doutoramento. Contraditoriamente, cada vez mais simples, mais humilde no trato com o seu saber. Eu a amei com admiração e cuidados, sentimentos raros e mais duradouros do que a paixão.

A quinta conheci, recentemente. Trazia serenidade no rosto e uma luz mansa de quem fez as pazes com o tempo. Já não precisava provar nada a ninguém. Sonhava em apagar as linhas do tempo, no rosto. Mas deixou que a prata cobrisse os seus cabelos. Havia nela a elegância dos que sobreviveram sem endurecer. Ria menos alto, falava cada vez mais baixo, porém

mais fundo. Eu a amei com ternura — talvez a forma mais alta do amor.

Foi só outro dia, refletindo sobre sua frase preferida, “minhas marcas me conduzem”, ao remexer textos e fotografias antigas, que percebi o tamanho do meu engano.

As cinco tinham o mesmo nome.

As cinco assinavam com a mesma letra.

As cinco me olhavam do mesmo jeito.

Eram a mesma mulher, atravessando décadas, trocando apenas de estação.

Todas tinham muitos mistérios.

Compreendi então que jamais amamos alguém de uma vez só. Amamos por etapas, por camadas, por revelações sucessivas. O amor verdadeiro não se entrega inteiro no primeiro encontro; vai se deixando conhecer à medida que o tempo o lapida.

Eu, que me julgava homem de muitas aventuras, tantas histórias, descobri, tarde, que tive apenas uma.

E que bastava.

O DIA QUE DEUS SENTOU NA CALÇADA

Renata Lima



Renata Lima, natural de Jequié, é escritora. Seus textos já alcançaram mais de 18 países por meio da YouVersion, abordando espiritualidade, existência e cotidiano, com reflexões sobre o gerar, a presença e os processos invisíveis da vida. Sua escrita fala como quem dialoga com o leitor em casa, com proximidade, intimidade e naturalidade. Imortal da Academia de Letras de Jequié desde 2025.

O DIA QUE DEUS SENTOU NA CALÇADA

Naquela manhã, Deus não veio em forma de milagre.
Veio em silêncio.

Sentou-se na calçada, ao lado de uma senhora que aguardava o ônibus com uma sacola de plástico nas mãos e o cansaço nos olhos. O mundo passava apressado, como sempre. Pessoas olhavam o relógio, reclamavam do atraso, da vida, do preço do pão.

Ninguém percebeu.

Nem eu.

Foi só quando o vento virou as páginas do jornal abandonado no banco que algo me atravessou — um

incômodo manso, desses que não gritam, mas insistem. Levantei os olhos e vi.

Ele não parecia Deus. E talvez seja exatamente por isso que eu o reconheci.

Não usava túnica, nem carregava glória visível. Tinha mãos comuns, marcadas pelo tempo, e um olhar que parecia saber tudo sem precisar explicar nada. Ele observava as pessoas como quem ama sem urgência, como quem entende que cada um carrega sua própria pressa.

A senhora ao lado dele falava. Falava da dor no joelho, do filho distante, da saudade que não coube em nenhuma palavra. Ele ouvia. Não interrompia. Não corrigia. Não prometia resolver. Apenas permanecia.

E então eu entendi: às vezes, Deus não vem para mudar a cena, vem para habitar nela.

O ônibus chegou. A senhora subiu com dificuldade. Antes de entrar, sorriu para Ele. Um sorriso simples, desses que não sabem que estão tocando o eterno.

Deus permaneceu sentado.

Eu quis me aproximar. Quis perguntar tantas coisas. Quis entender por que Ele estava ali e não em lugares maiores, mais dignos, mais... espirituais.

Mas antes que eu desse um passo, Ele se levantou. Olhou para mim. E naquele olhar havia um convite que não precisava de palavras.

Não era um chamado para subir ao altar. Era um chamado para descer à calçada.

Ele caminhou na direção oposta à minha, misturando-se à multidão. E eu fiquei ali, tentando decidir se continuaria esperando milagres grandiosos ou se aprenderia, finalmente, a reconhecer Deus nos lugares onde ninguém olha duas vezes.

Desde esse dia, quando o mundo me parece barulhento demais, eu me lembro: Deus ainda senta na calçada, mas só quem desacelera consegue vê-Lo.

ENSAIOS

À LUZ DAS VELAS DE SÃO JOSÉ

Laura Maria Caetano da Silva



Professora Assistente do
Departamento de Ciências Humanas e
Letras da Universidade Estadual do
Sudoeste da Bahia – UESB
Membro fundadora da Academia de Letras
de Jequié – ALJ

***“Enquanto houver uma vela acesa e uma voz em oração,
nenhuma tradição morre.”***

Março sempre teve um cheiro diferente na nossa família. Não era apenas o cheiro do tempo passando, mas o cheiro da preparação, da expectativa e de uma fé que se repetia ano após ano como um ritual antigo que ninguém ousava interromper. Bastava o mês começar para que algo mudasse na casa: os gestos ficavam mais atentos, as conversas mais voltadas para o que viria, e as noites, sobretudo as noites, passavam a ter um compromisso sagrado — a Reza de São José.

Essa tradição não nasceu de uma geração recente. Ela vem de longe, atravessando o tempo como uma linha invisível de pertencimento. Tudo começou com nossa bisavó, Vovó Libânia, mulher de fé profunda, cuja vida parecia sustentada por uma devoção silenciosa e firme a São José. Foi ela quem lançou as

primeiras sementes dessa prática na família. Suas filhas aprenderam a rezar como quem aprende a sustentar a vida: com constância, entrega e confiança.

A devoção não ficou parada no tempo. Ela atravessou gerações, ganhou novas formas, mas manteve a essência. Quando chegou à minha avó, de quem recebi o nome, Vovó Laura, a fé já não era apenas herança: era também resposta. Resposta aos desafios, às doenças, às incertezas da vida.

Lembro das histórias que cercam essa época com uma nitidez que o tempo não conseguiu apagar. Meu tio, José Carlos, assim chamado também José, adoeceu de tifo e ficou entre a fragilidade e o medo. Foi nesse cenário que minha avó intensificou sua devoção. A reza deixou de ser apenas rotina e passou a ser urgência, súplica e resistência. Mais tarde, a mesma fé se voltou para meu primo Francisco, filho de tio Sílvio, também enfermo. E ali, novamente, a oração se fez caminho de esperança.

Talvez por isso, na nossa família, a Reza de São José nunca tenha sido algo frio ou distante. Ela sempre foi viva. Muito viva.

Durante todo o mês de março, todas as noites eram marcadas por esse encontro. Ainda crianças, esperávamos com ansiedade aquele momento em que a casa se organizava para a reza. Havia algo de sagrado e ao mesmo tempo profundamente humano: a união de vozes, a repetição das orações, o silêncio que vinha depois, e, sobretudo o cheiro das flores que enfeitava toda a casa.

Mas havia também a alegria.

Uma das noites mais marcantes era aquela dedicada em agradecimento pela cura de Francisco. Essa noite não terminava apenas em oração. Depois da reza, a casa se transformava. Mesas eram preparadas com cuidado, cheias de bolos, doces, petiscos variados, feitos pelas mãos abençoadas de Tonha, a nossa mãe preta muito amada; sucos e refrigerantes. Era como se a gratidão precisasse transbordar em forma de partilha. E então vinham os fogos, rompendo o céu da noite e anunciando que a alegria também podia ser uma forma de oração.

A comunidade parecia entender isso. Muitos participavam, outros chegavam, outros apenas se aproximavam para sentir o clima daquela celebração que misturava fé e vida cotidiana sem separar uma coisa da outra.

Mas nenhuma noite era mais esperada do que a última.

Era um dia diferente. Havia um cuidado especial desde cedo. Nossa mãe nos preparava com carinho, escolhendo nossas melhores roupas, como quem prepara um rito de passagem. A expectativa já começava antes mesmo do anoitecer. Quando a noite finalmente chegava, tudo parecia ganhar outro ritmo.

Saíamos então em caminhada.

À luz de velas e lanternas, seguimos em direção ao sítio do meu avô, carinhosamente chamado de “O Outro Lado”, uma denominação mítica. O caminho não era apenas físico. Era simbólico. Era como atravessar a memória da própria família, carregando nas mãos pequenas chamas que tremiam com o vento, mas não se apagavam.

Pessoas da comunidade nos acompanhavam. As vozes se misturavam às rezas. O som dos passos na estrada de terra, o

brilho das luzes pequenas na escuridão, tudo parecia compor uma cena que não cabia apenas no presente. Era como se o passado caminhasse junto, silencioso, mas presente.

Ali, naquela travessia noturna, a fé não era abstrata. Era concreta. Era luz. Era corpo. Era coletivo.

O tempo, como sempre, passou. As crianças cresceram, os adultos envelheceram, alguns já partiram, outros se distanciaram fisicamente. Mas algo permaneceu intacto: a decisão de continuar.

Hoje, somos nós — irmãos, primas e familiares — que seguimos mantendo o mês de São José vivo. Cada noite carrega uma intenção. Rezamos pelos aniversariantes do dia, pelos familiares ausentes, pelos que já partiram e permanecem apenas na lembrança, e por aqueles que seguem vivos, mas distantes.

A reza, hoje, se tornou ainda mais ampla. Ela não é apenas lembrança do que fomos, mas também cuidado com o que ainda somos.

E talvez essa seja a maior força dessa tradição: ela não pertence ao passado. Ela se reinventa na continuidade.

Porque enquanto houver uma voz reunida em oração, uma memória sendo contada, e uma vela acesa enfrentando a noite, a Reza de São José continuará atravessando o tempo — como atravessou a história da nossa bisavó Libânia, da nossa avó Laura, e agora atravessa a nós.

E assim seguimos.

Não apenas lembrando.

Mas vivendo.

CONSCIÊNCIA, EDUCAÇÃO E CULTURA DE PAZ

Maribel Barreto



Embaixadora da Paz – UPF/ONU,
Doutora em Educação, com um pós-
doutorado em educação e criatividade
pela UNB (Brasília) e outro em
Educação, Consciência
Transdisciplinaridade pela UCB

(Brasília), Pedagoga, Escritora, Membro da Academia de Letras de Jequié, da Academia de Cultura da Bahia, da Academia de Letras e Artes do Salvador, da Academia Capixaba de Letras e Artes de poetas trovadores (Espírito Santo), da Academia Internacional de Literatura Brasileira (NY/USA). Integrante da Comissão Executiva da RICA (Rede de Integração Cooperativa das Academias de Letras da Bahia).

CONSCIÊNCIA, EDUCAÇÃO E CULTURA DE PAZ

O presente ensaio versa sobre a cultura de paz, tendo como fundamento o desenvolvimento da consciência, inclusive no âmbito da educação formal, pois, quanto mais nós, seres humanos, ampliamos nossa consciência, mais nos aproximamos dos valores das Leis Divinas que habitam em nós e regem o Universo. Nesse sentido, consciência significa “com conhecimento”, inclusive de nós mesmos. Afinal, quem conhece a si mesmo aproxima-se também do conhecimento do Universo,

ao reconhecer que tudo está interligado: tudo é um, tudo é feito de tudo e tudo é feito do mesmo.

Segundo nossas pesquisas e experiências, a paz nasce dessa compreensão essencial de que somos constituídos pela dimensão divina que habita em nós. Como ensinou Jesus Cristo: “os milagres que faço não sou eu quem os faz, mas o Deus que habita em mim”. Assim, quem busca viver em sintonia com os valores das Leis Divinas presentes em si mesmo reconhece a fonte da virtude, do bem, do amor e da paz.

Nesse ambiente sagrado e interior da nossa consciência, por sua vez, conseguimos acessar as referidas leis que regem o universo e nos possibilitam agir, por exemplo, com cidadania, ou seja, com as reais noções dos nossos deveres e direitos individuais e coletivos; com a real noção acerca da lei de equilíbrio, da lei de ordem, da lei de ação e reação, da lei de necessidade, da lei de amor e moral, da lei de liberdade e caridade, para citar apenas algumas delas.

Dessa forma, quanto mais consciência o ser humano desenvolve, melhores condições ele tem de viver de forma integrada com a sua natureza interna e externa e, conseqüentemente, maiores possibilidades possui de viver em equilíbrio, ordem e paz.

Tratando especificamente sobre a temática da paz, interessa-nos começar por seu significado. Podemos dizer que a paz é definida como um estado de calma ou tranquilidade, a harmonia das harmonias, logo, ausência de perturbações e agitação; ausência de violência; envolve um bem-estar geral e um sentimento de unidade, para além das fronteiras entre as

nações. Refere-se, desse modo, a um chamado coletivo, pois apesar de ser um trabalho individual, trata-se de uma responsabilidade universal.

Diante da relevância do seu chamado, o desafio é vivermos dinamicamente equilibrados, a partir dos nossos sentimentos, pensamentos e atos harmônicos, centrados e integrados, afinal eles indicam o nosso grau de consciência e quanto mais consciência temos, menos conflitos produzimos em nós e espalhamos ao nosso redor.

A Consciência, segundo o que sustentamos, constitui uma faculdade inata do Ser Humano que o possibilita caminhar de forma cada vez mais abreviada na direção da profundidade, da integração, do equilíbrio, da harmonia, da paz, da virtuosidade, da absolutividade, do essencial, do sagrado e, enfim, do Divino.

Isto é possível graças à qualidade de raciocinar que ela, a Consciência, disponibiliza ao Ser, e o permite embasar seu viver naquilo que estabelecem as Leis Divinas, as Leis Universais, enfim, as Leis Naturais que regem o Universo, as quais repousam nela, favorecendo-o sentir e discernir entre o que é real ou ilusório, o que é útil ou fútil, o que é nobre ou vulgar, o que é correto ou incorreto, o que é bom ou ruim; ou ainda o que é justo ou injusto, com vistas ao estado de paz interior.

Consciência e paz constituem, nesse sentido, dimensões profundamente interligadas da existência humana. O desenvolvimento da Consciência, fundamentado em tais Leis e no exercício cotidiano de um viver em estado de atenção plena, vigilância constante e percepção inabalável, torna o Ser apto a transitar da condição de Ser Humano, que ainda constrói com

base em conhecimentos geradores de fragmentação, para o Ser Indiviso, que constrói a partir do saber, do sentir e do autoconhecimento; até alcançar o Ser Divino, expressão do saber, sentir e ser em uníssono. Trata-se do nível de autorrealização que envolve o Ser Total, o Ser Pleno, identificado com sua identidade maior: um Ser plenamente pacífico.

Tal compreensão tem como base os próprios ensinamentos de grandes mestres, tal como Jesus, ao afirmar: “[...] buscai primeiro o reino de Deus.” (MATEUS 6:33). “Vocês não sabem que são santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês?” (CORÍNTIOS 3:16). “Vós sois deuses, e todos vós filhos do Altíssimo.” (SALMOS 82:6).

Por conseguinte, muito importa a busca de conexão com o Divino que nos constitui, pois isso nos responsabiliza, ao mesmo tempo em que nos impulsiona para a plenitude, para o bem maior e para o conjunto das nossas virtudes, auxiliando-nos a lidar com os desafios do viver em estado de harmonia, equilíbrio e, enfim, de Paz.

Entretanto, a realidade contemporânea ainda evidencia o distanciamento humano dessa condição de integração interior. Chega de guerras! Nesse contexto, torna-se inevitável refletir sobre a relação entre paz e guerra.

Vivemos, hoje, nesta grandiosa escola chamada Planeta Terra, atravessando desafios igualmente grandiosos, sobretudo diante da crescente fragmentação humana, refletida nos conflitos armados que ainda assolam diferentes regiões do mundo, com confrontos militares, ataques de drones, disputas territoriais e

negociações diplomáticas sem acordo final especialmente no Leste Europeu e no Oriente Médio, impulsionados por complexas questões históricas, culturais, religiosas, econômicas e políticas.

Diante deste cenário, é evidente que precisamos fazer algo bem específico e urgente, a partir de cada um de nós, visto que o maior patrimônio do planeta é a sua humanidade, em que as noções de individualidade e de totalidade necessitam ser harmonicamente praticadas, lembrando que não é possível falar do mundo, do Universo, senão em relação à consciência que o percebe, considerando, principalmente, o seu papel de nos tornar capazes de transcender todo e qualquer conflito.

Em profundidade, ainda temos carência de percepção da nossa identidade universal, da noção de que somos essencialmente irmãos. Se assim sentíssemos, não conseguiríamos matar nosso semelhante. Jamais.

Parece-nos claro, nesta linha de raciocínio, que não se acaba o conflito, a fragmentação, enfim, a guerra, no mundo, sem acabar o conflito, a fragmentação, enfim, a guerra, em nós mesmos; e isso não se consegue sem fazer com que sejamos educados o bastante, a ponto de emprendermos em Ser quem Somos, mas Sendo, quer em nível individual, familiar e/ou social.

Então, apesar da paz não se limitar à ausência de guerra, ela necessita ser uma conquista diária nossa, através do desenvolvimento de nossas consciências, a fim de que nenhum de nós seja berço, seja o princípio, seja expressão de violência, a

partir de nós mesmos, nas nossas famílias, na sociedade, enfim, no planeta terra.

Nossa tarefa, pois, não é pequena. Sabemos do potencial que habita em nós e compreendemos que, quanto mais nos é dado, maior também é a nossa responsabilidade. Façamos, nessa perspectiva, a nossa parte, não qualquer parte, mas a melhor parte, aquela que carrega em si a expressão da totalidade.

Afinal, todo movimento genuíno de autotransformação repercute, inevitavelmente, na transformação do próprio Universo.

Apaziguar a guerra é, sem dúvida, consequência do apaziguamento do próprio Ser Humano, pois, em sua essência mais profunda, toda guerra revela uma busca pela paz, ainda que não tenha sido concebida para este fim. Torna-se necessária, por conseguinte, uma nova educação, comprometida com a formação de um novo ser humano, capaz de transcender o conflito e de construir, a partir de si mesmo, caminhos de pacificação.

O Ser Humano apresenta-se, assim, simultaneamente como fonte da paz e da guerra. Eis, então, um dos maiores desafios da educação: fomentar processos formativos que auxiliem os estudantes em sua própria pacificação interior, considerando que toda transformação coletiva nasce, inevitavelmente, da formação humana.

Por outro lado, nós investimos mais em guerra do que em paz. Investimos mais em conflitos do que em aproximações. É preciso revertermos esta lógica de fragmentação, através de uma educação genuína, em que se pratique ciência, mas com

consciência, como já bem evidenciado pelo educador e expoente do pensamento transdisciplinar, Edgar Morin, especialmente quando lançou, em 1982, seu livro “Ciência com Consciência”, destacando os limites, possibilidades e responsabilidades sociais da ciência.

Morin, hoje, com 104 anos de idade, segue incansável em alertar a humanidade para a necessidade de uma nova consciência para a ciência, por perceber que a ciência atual tem nos conduzido muito mais na direção da catástrofe, através das armas atômicas e das experiências genéticas, do que na perspectiva de um mundo melhor.

É preciso reconhecermos a importância de ensinarmos, por exemplo, acerca de valores das Leis Naturais que regem o Universo, a partir do estudo da consciência e da meditação, com o fim da construção do caráter dos educandos; é preciso, também, ensinarmos acerca do autoconhecimento, com o fim do despertar da potencialidade humana e construção da sua serenidade. Nesse sentido, quem investe em consciência, meditação e autoconhecimento, tão logo, se percebe sendo o Marco de uma Nova Humanidade.

Diante disso, que possamos sistematizar no currículo escolar, desde a educação infantil, o estudo pragmático da meditação, da consciência e do autoconhecimento, nos conservando como pacificadores e não como guerreiros, a partir do reconhecimento da ideia divina que habita em nós mesmos e respaldados na Base Nacional Curricular de cada país.

No caso do Brasil, nos respaldamos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), oficializada em 2018, para a

Educação. A BNCC é explícita quanto ao seu compromisso com a educação integral, tanto da criança, quanto do adolescente, do jovem, bem como do adulto, rompendo com visões que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva, que envolve o sentimento. Isto implica o desafio de educarmos considerando a equação da ação integral, que prevê o desenvolvimento das qualidades do sentir, do pensar e do agir, dos educandos, dinamicamente equilibrados. Senão irão criar mais conflitos na sociedade.

Importa, desse ponto de vista, compreendermos que somos seres, no mínimo, trinos, constituídos pelas dimensões do sentir, do pensar e do agir. Sobre a dimensão do agir, já acumulamos significativo conhecimento; quanto à dimensão do pensar, cabe-nos educar a mente e qualificar o pensamento; porém, no que se refere à dimensão do sentir, torna-se necessário compreender nossa esfera mais causal e originária, onde repousam os sentimentos que, muitas vezes, orientam e conduzem o próprio pensamento.

À luz dessa compreensão integral do ser humano, se o educando for conduzido a construir conhecimentos apenas a partir do pensar e do agir, poderá não desenvolver a sensibilidade necessária para perceber, em profundidade, as implicações humanas de seus atos, inclusive diante de decisões extremas, como lançar ou não uma bomba atômica sobre uma população. Daí não basta nós oferecermos, através do processo educativo, cultura material, ciência de exterioridade, que envolve o intelecto. Não basta o estudo de língua portuguesa, física, geografia, matemática, história, química, para citar alguns

exemplos. Precisamos ir além, pois há necessidade de trabalharmos e desenvolvermos cultura espiritual, ciência de interioridade, que envolve as virtudes, a dimensão do sentimento.

Nesta direção, vamos dar ênfase ao trabalho com o sentimento. Para tal, relembramos o valor do estudo sistemático sobre meditação, consciência e autoconhecimento, nos seus diferentes graus de aprofundamento e de abordagens, no sistema de ensino.

Quanto à meditação, os estudantes devem ser incentivados à sua prática cotidiana, a fim de aprenderem a direcionar atenção consciente aos próprios sentimentos e estados interiores. Seus benefícios já se encontram amplamente reconhecidos pela ciência. Assim como a musculação fortalece os músculos por meio do exercício contínuo, a meditação fortalece a mente, favorecendo equilíbrio, atenção, discernimento e serenidade diante da vida.

Nesse contexto, a prática da meditação revela-se ainda mais necessária. Todo o planeta já reconhece, em maior ou menor medida, a importância da atenção e do equilíbrio interior nas relações humanas. Assim, quando alguém se aproxima de nós para dialogar, discutir ou mesmo confrontar ideias, se estivermos atentos a nós mesmos e ao outro, tal como Jesus ensinou ao afirmar “orai e vigiai”, teremos maior capacidade de perceber não apenas o que o outro pensa, mas também o que sente. Isso nos possibilita estabelecer relações mais conscientes, empáticas e harmoniosas, em vez de simplesmente impor nossos próprios pensamentos.

Compreendemos, desse modo, a necessidade de exercitar continuamente a meditação, a fim de aprendermos a reconhecer aquilo que sentimos, considerando que a educação, historicamente, tem nos conduzido prioritariamente ao desenvolvimento do pensamento, e não da percepção sensível do sentir.

Tal como a meditação, propomos também o trabalho educativo com a consciência, especialmente no que se refere ao estudo das Leis Naturais que regem o Universo. Trata-se de um tema que já se encontra, em certa medida, presente em nosso cotidiano científico, como exemplifica Isaac Newton ao formular a Lei da ação e reação.

Segundo essa compreensão, toda ação provoca uma reação de igual intensidade e em sentido contrário. Entretanto, se limitarmos esse ensinamento apenas ao campo da Física, sem relacioná-lo à compreensão do comportamento humano e das relações sociais, perderemos uma importante possibilidade formativa.

Para melhor elucidar essa Lei, podemos observar situações simples da vida cotidiana. Uma criança, por exemplo, não deveria ser ensinada pelos pais a partir de máximas como: “se alguém lhe bater, bata de volta” ou “se você apanhar na rua, apanhará novamente em casa”. Ao agir assim, acabamos fortalecendo comportamentos de intolerância e reproduzindo relações pautadas pela violência e pela ausência de sensibilidade. Em vez disso, torna-se necessário ensinar que toda ação produz consequências e que nossas escolhas repercutem inevitavelmente sobre nós mesmos e sobre o outro. O que propomos, diante disso, é o despertar da dimensão do sentir, inclusive por meio do estudo da consciência em seus diferentes níveis, favorecendo a

formação de seres humanos mais conscientes, equilibrados e pacíficos.

Na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, propomos a inserção da disciplina, do desenvolvimento de projetos ou de abordagens transdisciplinares voltadas à Iniciação à Consciência; no Ensino Médio, o aprofundamento da temática da Consciência; e, no Ensino Superior, o estudo da Conscienciologia, a fim de favorecer nos educandos o discernimento necessário para uma vivência pautada no equilíbrio individual e coletivo. Trata-se, em essência, da formação do caráter humano.

Nessa direção, ao investirmos na meditação e no desenvolvimento da consciência, despertamos, gradativamente, para o valor do autoconhecimento. Caso contrário, diante das tentações, pressões ou provocações da vida, em vez de mergulharmos em nós mesmos para compreender nossas reações interiores, permaneceremos voltados apenas para a crítica ao outro, aquele que nos confronta, pressiona, desafia ou provoca.

Tudo isso nos conduz à intolerância, contribuindo para a formação de uma sociedade cada vez mais intolerante, como se observa de modo crescente na contemporaneidade, em que, muitas vezes, já não se consegue conviver harmoniosamente com opiniões divergentes, pois a desordem emocional e relacional tende a prevalecer. O autoconhecimento, por outro lado, possibilita-nos compreender que ignorante não é aquele que não recebeu instrução, mas aquele que ainda não investiu no conhecimento de si mesmo.

O estudo do autoconhecimento, por sua vez, revela a necessidade de compreendermos o Ser Humano em sua integralidade, contemplando suas dimensões física, psíquica e

espiritual, com especial atenção ao conhecimento e à vivência das virtudes.

Dessa maneira, os estudantes poderão desenvolver a capacidade de auto-observação, percebendo o que sentem, o que pensam e como agem no cotidiano da vida, favorecendo processos de transformação alinhados àquilo que expressa sua essência mais elevada e divina. O autoconhecimento recorda-nos que somos, simultaneamente, fonte da paz e da guerra. Quando utilizamos a tecnologia do autoconhecimento, a guerra existente em nós tende a render-se ao pacificador que igualmente habita nossa interioridade. Sem o autoconhecimento, ao contrário, tornamo-nos desestabilizados; e, desestabilizados, acabamos por desestabilizar também a família, a sociedade, a nação e, conseqüentemente, o próprio mundo.

Portanto, por meio do estudo sistemático da meditação, da consciência e do autoconhecimento, tendemos a cultivar paz, harmonia e verdadeiro amor, este compreendido como expressão do cumprimento dos nossos deveres para conosco, para com o semelhante, para com a humanidade, para com o planeta, para com o Universo, enfim, para com Deus.

É justamente a partir dessa compreensão ampliada da existência que se torna indispensável educar o Ser Humano em sua integralidade. Faz-se necessário, indubitavelmente, promover uma educação voltada à formação de um Novo Ser Humano, o marco da Nova Humanidade, um Ente Consciente, capaz de atuar como Ser Pacificador do Planeta Terra, fruto do reconhecimento e da identificação com a natureza Divina que o constitui.

Somente a partir desse despertar da consciência será possível alcançar os grandes objetivos essenciais do processo educacional: a Paz do Ser Humano consigo mesmo e com seus semelhantes; a Paz do Ser Humano com a natureza; e a Paz do Ser Humano com o Todo. Afinal, pertencemos a uma mesma família universal, profundamente interligada pela própria existência. Que possamos, nessa direção, celebrar e vivenciar a Paz em tudo aquilo que sentimos, pensamos e realizamos.

MINHAS CRENÇAS SOBRE GESTÃO: UM ENSAIO NECESSÁRIO

Sonilda Sampaio Pereira



Sonilda Sampaio Pereira é natural de Jequié-BA (1962), primogênita dos três filhos de Helenísio Martins Santos e Ilza Sampaio Santos. Casada há 42 anos com José Jorge Almeida Pereira. Mãe de Fannie e Franc. Sogra de Josias e Fernanda. Avó de Theo, Enrico e Guilherme. Bacharel em Educação com habilitação em Didática e Administração; Letróloga e Psicanalista Clínica. Atuou 40 anos na Educação Eclesiástica. Foi diretora fundadora da Escola Estadual Rural TaylorEgídio e Diretora geral do Colégio Batista TaylorEgídio (gestões de 1998 a 2024)- em Jaguaquara – BA. Cidadã honorária da cidade de Jaguaquara. Membro da Academia de Letras de Jequié, desde 2012. Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié. Atuação nas áreas: Educação, Família, Linguística e Psicanálise clínica.

Palavras iniciais

Cada pessoa tem que fazer suas próprias crenças, assim como cada um tem que fazer a própria morte (Hunter, 2004:74).

Minhas crenças sobre gestão brotaram de sementes plantadas desde os anos de 1980, quando no Seminário de Educadoras Cristãs, no Recife – Pernambuco. Esclareço que

utilizo crenças, como metodologia de estudo, com base nas pesquisas de Barcelos (2001), a qual define o termo da seguinte maneira:

As crenças são pessoais, contextuais, episódicas e têm origem nas nossas experiências, na cultura e no folclore. [...] Uma das mais importantes características das crenças refere-se a sua influência no comportamento. [...] Elas são fortes indicadores de como as pessoas agem (Barcelos, 2001:73).

Em todas as oportunidades que experimentei de exercer a gestão, em meus sessenta e quatro (64) anos de vida, busquei a aplicação das minhas crenças, retirando meus sapatos, no sentido colocado pelo rabino Nilton Bonder:

O que é retirar o sapato? O sapato representa o que está amoldado a nosso pé, é a forma que acompanha nosso feitio, nossos calos. [...] Deslaçar os sapatos é retirar o habitual que nos envolve. [...] Habituaamo-nos a determinados padrões e condutas que se tornam nosso sapato. E é com ele que caminhamos pela vida... O sapato representa a proteção indispensável entre o ser e seu meio. Nesse processo, há uma importante interação entre os pés e o sapato. Este nos protege pela sola... O chão, no entanto, é o pavimento da vida e ele não se ajusta à nossa pisada. De tanto em tanto, temos que retirar o sapato e tocar o solo com a planta do pé. Sentir o chão é reencontrar a vida. [...] É do chão que vem o alicerce e o embasamento (Bonder, 2008:21-22).

Em todas as experiências, precisei ficar descalça para iniciar o novo ciclo institucional. É desse modo, descalça, que

me ponho a escrever esse ensaio. Minhas experiências estão ligadas aos espaços eclesiais, educacionais e universitários. Dentro das igrejas, em suas missões sociais; das escolas da educação básica e da universidade, pisando seus chãos na função de gestora, fui validando umas crenças e descartando outras.

As crenças validadas estão, nesse texto, defendidas porque foram se solidificando e enraizando no chão – solo fértil – e se autorizando nas avaliações sobre as práticas. Como já se sabe com Paulo Freire (1994:83), toda teoria que se presa é oriunda da prática e para a prática volta em um vai-e-vem sem fim de ação – reflexão – ação. É na avaliação constante sobre a prática, em reflexões individuais e coletivas, que convicções, princípios, crenças, se firmam uma a uma.

Tentarei apresentar as crenças que perpassaram minhas experiências em gestão, sob as quais embasei e embaso planos, ações, posturas, lutas e esperanças, sempre consciente que a gestão passará e os continuadores precisarão da referência do fazer para continuarem os ideais das instituições.

É necessário facilitar o caminho para o outro, mesmo quando não se sabe quem será o outro, nem como fazê-lo. Aqui estão eleitos sete¹ princípios de gestão. Na seção seguinte, uma reflexão sobre o primeiro: os liderados refletem o líder e este precisa ter consciência disso.

¹ Decidi por 7 princípios por questões didáticas e por considerar o 7 um número especial nos escritos sagrados. Estudo detalhado sobre o número 7, encontra-se no endereço: http://www.luzparavida.net/curiosidades_numero7.html.

1. Fazer para ensinar. Os liderados refletem o gestor

A partir dessa crença, o gestor é desafiado a pensar e propor ações a partir do que é capaz de realizar. Os liderados miram o gestor como uma matriz de referência que pode ser seguida ou rejeitada, mas referência. Dessa forma, sempre julguei ser mais eficaz a orientação pelo *fazer* e não pelo *dizer* verbalmente, apenas. Na tentativa de orientar pelo *fazer*, acolhi as lições de James C. Hunter, ao tratar da essência da liderança, na história do Monge e do Executivo:

O papel da liderança é servir; É uma vergonha que tantos líderes gastem seu tempo falando de seus direitos como líderes em vez de suas terríveis responsabilidades; A autoridade do líder se constrói sobre serviço e sacrifício; A verdadeira liderança é difícil e requer muito esforço” (Hunter, 2004:50, 51, 63, 69).

Nessa crença e apoiada nessas lições, há a inevitabilidade de se colocar as mãos na massa; ao observar o gestor fazendo, os pares também fazem, no movimento de espelhamento, no ato de espelhar. Cabe esclarecer que o espelhar a gestão, não tira do liderado sua individualidade, suas características próprias e singulares que o tornam um cidadão único, com seu modo único de fazer. O líder consciente ensina pelo exemplo, zelando das individualidades, por meio da ação de distinguir cada indivíduo, permitindo a cada um ser, existir e fazer como pessoa única, responsável e criativa.

Se o gestor deseja a excelência da instituição que lidera, precisa desejar também a excelência dos serviços prestados por

seus pares. Os excessos de verbos e discursos, distantes de práticas e exemplos, são apenas palavras que se perdem. As lições práticas, concretas, ultrapassam os limites do fazer, alcançam o *quefazer* postulado por Paulo Freire: “Mas a ação só é humana quando, mais que um puro fazer, é um quefazer, isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão” (Freire, 1987:40).

É óbvio que nem sempre haverá tempo e espaço diante das muitas demandas administrativas, para a realização do ideal de propor ações a partir do fazer, no entanto, haverá sempre perguntas gritantes na consciência do gestor responsável e comprometido com sua liderança, quando em enfrentamento das limitações e complexidades dos seus liderados: “Nosso diálogo foi claro?”; “Minimizamos as dúvidas?”; “Houve uma mostra do desejado?”; “Eles tiveram (ou têm) uma referência?”, dentre outras.

Ainda, nessa primeira crença, inclui o exercício da fé no Ser Supremo e no Ser Humano que o líder só pode ensinar por meio de sua própria fé em constante exercício. Uma instituição séria enfrenta os mais diversos arrochos e passa por agruras. Nos momentos mais atroz, não temos alternativa: ou confiamos com a confiança esperançosa ou não temos o que fazer. Muitos são os dias em que a fé no Divino e no Humano são colocadas em xeque. Esses são os mais profundos momentos de uma gestão.

Depois de saber sobre o princípio que responsabiliza o gestor perante seus pares, é necessário tomar consciência que se gere pessoas e não coisas. Pessoas são inacabadas e estão em permanente movimento de ser e não ser. Essa é a próxima crença a ser tratada.

2. Acreditar no potencial dos membros do grupo. As pessoas ainda não são, estão sendo

To be or not to be, that is the question.
(Shakespeare, 1976)

Com respeito e na língua original, essa seção é aberta com a máxima de William Shakespeare (1599 - 1601). A mundialmente reconhecida frase do Ato III, Cena I, da tragédia Hamlet, está aqui colocada para ser utilizada de forma divergente. A experiência em lidar com pessoas me ensinou que as pessoas não são (estão) definitivas. Logo, tomo a epígrafe para propor o seu contrário: ser e não ser: eis a questão!

Se o gestor lançar o olhar para seus pares com as perspectivas excludentes: ‘ser ou não ser’, perderá a oportunidade de contribuir com aqueles que ainda não estão sendo. Cabe ao gestor movimentar-se e fazer movimentar dentro da percepção de “homem como um ser inconcluso em permanente busca de ser mais” (FREIRE, 1987:72).

As pessoas que compõe as instituições são também as pessoas das aprendizagens e dos ensinamentos. Pessoas-alvo da raiz e da razão da própria instituição. A experiência já nos ensinou que todos somos aprendizes e ensinantes. As transversalidades e as transdisciplinaridades tratam da vida e do crescimento como gente.

Por isto mesmo é que a prática os reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas

inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão (Freire, 1987:72 – 73).

Diante disso, uma gestão que deseje a excelência deve trabalhar, ‘impaciente pacientemente’, as pessoas que compõem a equipe. Deve manter acesa a possibilidade da comunhão como instrumento da aprendizagem, do ser mais de cada membro. Talvez fosse fácil liderar cancelando pessoas que não entendam visão, missão, objetivos, eixos e valores da instituição e/ou atrapalhem seu bom andamento, mas onde se pararia? Quantos seriam os testemunhos de conscientização? E não é também a instituição para seus membros?

De tudo, fica a fé na pessoa. Fé na instituição como espaço para a pessoa ser e não ser e ser compreendida e caminhar em comunhão, num crescendo de ser gente. Isso testemunhei: pessoas, das mais difíceis, tornarem-se instrumento da paz; das mais amargas, encherem-se de graça e doçura; das mais descomprometidas, aprenderem o compromisso; das mais insensíveis, chorarem com um abraço; das mais ingratas, transformarem-se em pilares sustentadores do bem; das mais medrosas, darem o salto da autoestima e autorizarem-se sujeitos das falas e dos fazeres.

Na seção seguinte está a crença na organização como caminho para a excelência. Nessa excelência está, sobretudo, o homem, o poder para realizar o bem, a força para fazer o que será.

3. Organizar para acontecer. A organização como caminho para a excelência

Se levarmos em consideração o que conserva o universo em seu ser com todas as suas particularidades e individualidades, descobriremos que não é nada mais que a ordem (Comenius, 2006:123).

A organização facilita e conduz ao acontecimento. Creio que um princípio relevante para a liderança é o da organização. Gera confiança nos membros do grupo, respeito e credibilidade para a gestão. Esses são atributos indispensáveis a quem está à frente de grupos de pessoas. O contrário da organização é a chamada postura *Laissez-faire*² que caracteriza aqueles que corroboram o canto de Zeca Pagodinho “Deixa a vida me levar, vida leva eu”.

Embora tenha seu lugar o canto do Geraldo Vandré, o tomamos para exemplificar, de forma divergente, a postura desorganizada do gestor. Esse deve saber fazer a hora e não ‘ficar esperando a vez’, ‘deixando as coisas rolarem’, atribuindo sua história a um “deus” como se não fosse partícipe da sua própria construção.

Manter a organização oriunda de uma agenda pensada coletivamente é uma tarefa nada fácil. Exige boa vontade, competência, capacidade de foco e consciência da historicidade. O líder que assim escolhe agir está comprometido com todos

² Expressão francesa que significa coloquialmente: “deixa pra lá, pra ver como fica”.

aqueles que fazem parte da instituição e dos seus arredores. Compromisso que orienta sobre as diferenças entre democracia e algazarra.

Muitos são os que denominam o cumprimento dos compromissos, da agenda e da palavra como engessamento, como falta de liberdade. Diferentemente afirmo que o *rigor* na agenda e na ordem é princípio de democracia, de respeito e de excelência. Para tanto, toda equipe precisa compreender e proceder convergentemente o que só é possível por meio de decisões coletivas, oriundas de estudos e discussões grupais, ou seja, por meio do crescimento mútuo, defendido na próxima seção.

4. Estudar para o desenvolvimento. O crescimento mútuo fortalece a instituição

Formado: saído da forma. Com-formar.
Ficar igual à forma. (Alves, 2003:114).

Nessa seção uso o verbo formar nas acepções: criar, progredir, desenvolver, educar e preparar-se, contrariamente ao significado dado por Rubem Alves nas críticas procedentes que fazia à educação básica e universitária. Nos embates que vivi nas experiências de gestão, fui percebendo a necessidade imperiosa e impreterível de estudos contínuos, sobre os mais diversos temas e assuntos que surgiam das necessidades, das dúvidas, das divergências e dos diálogos.

O gestor precisa ter a visão clara que a instituição, sob sua liderança, só avançará nos projetos, se desenvolverá, e estará

fortalecida quando todos, ou a maioria dos membros estiverem inseridos em estudos contínuos, tanto sobre a visão, a missão, os objetivos, as crenças e os eixos norteadores da própria instituição, quanto sobre as dimensões da vida humana. Assim, o gestor será solitário em seus ideais e nos ideais da instituição, se o quiser, porque a partir dessa compreensão, as pessoas se responsabilizam e alcançam os objetivos comuns.

Nenhum gestor pode avançar se não priorizar o crescimento dos membros de equipe. De nada adiantará para a instituição sob sua gestão, seu crescimento individual, solitário. As reflexões emergentes dos encontros de estudos têm o fascínio de suscitar dúvidas, de desapropriar convicções, de apontar caminhos. São as dúvidas sobre o *fazer* que desabrigam os membros da instituição de suas zonas de conforto, que os fazem tirar seus sapatos e buscar outros/novos caminhos.

Assim, os membros do grupo desenvolvem-se.³ Pensando e repensando práticas, posturas, palavras e caminhos, as consciências vão dando saltos da intransitiva a transitivo-ingênua e, dessa, muitos chegam à transitivo-crítica como Freire (2003:37) orientou. A partir da conscientização de todos os membros, as mudanças que levam aos avanços, acontecem.

³ Mesmo que, enquanto gestora, às vezes sinta-me exatamente como a “agulha da linha ordinária” de que trata Machado de Assis (1984:59.), nada pode ser comparado à realização de acompanhar o desenvolvimento do grupo sob nossa gestão.

5. Conscientizar para mudar. As mudanças de paradigmas institucionais devem ser propostas pelos membros do grupo

O fato de, numa democracia, todos terem direito de expressar seus pontos de vista acarreta o corolário de igual responsabilidade. Não raro, a omissão é altamente nociva. (Beal, Bohlen e Raudabaugh, 1972:16).

Tarefa complexa! O gestor pode até pensar além ou ver antecipadamente, mas precisa esperar que as propostas de mudanças de paradigmas sejam formuladas pelos membros do grupo e não por si mesmo. Para tanto, o trabalho permanente que eleva as consciências à transitividade crítica deve ser firme e perseverante.

Cabe ao gestor perceber onde está seu grupo, compreendê-lo; e, se necessário, nivelar-se para dar partida a voos com todos. Os voos são mais altos quando, pelo menos, a maioria entende os processos e impregna-se da visão e toma para si a missão. Fenômeno que só é possível pelos méritos da conscientização. Trabalho artesanal, minucioso, difícil, mas possível.

Nessa perspectiva, há quarenta anos, tenho buscado construir a gestão dos meus sonhos que fortaleça as instituições como: autogestoras, responsáveis, democráticas, inclusivas, respeitadoras das diversidades, organizadas e criticamente conscientes. A conscientização dos membros das instituições é um caminho de construção fora dos paradigmas existentes.

Todos reflexivos e conscientes sugestionam, num corolário de igual responsabilidade, e assumem os avanços.

Para ousar outros modelos, é mesmo necessário ‘retirar sapatos’, despir-se de roupagens antigas, ousar caminhar por caminhos desconhecidos, perigosos, ter medos. Não é possível ousar tão perigosamente na solidão. Daí, o líder precisar amparar-se e ficar junto aos outros membros da equipe num malabarismo de mostrar o novo e amparar-se no velho, ensinar e deixar a autoria com outrem.

Como mexer em paradigmas enraizados? O caminho é estudar com os pares, buscar a conscientização. Refletir para que todos possam olhar, ver e desejar outras possibilidades de *fazer*. À medida que cada componente da instituição se autoriza um especialista, a instituição ganha. Quando há ganhos institucionais a afetividade é acrescida e reconhecida como facilitadora das relações.

6. Proporcionar amizades entre os membros da instituição. O grupo se fortalece quando seus membros constroem relações saudáveis entre si mesmos.

Não é que fôssemos amigos de longa data... Há tanto tempo precisávamos de um amigo que nada havia que não confiássemos um ao outro...

Depois da conversa, sentíamo-nos tão contentes como se nos tivéssemos presenteado a nós mesmos. [...] E sabíamos também que éramos amigos. Amigos sinceros (Lispector, 1994:107).

Propiciar uma ambiência na qual os membros da instituição se conheçam e se relacionem, faz parte da visão mais alargada de uma gestão. Compete, portando, ao gestor oportunizar experiências relacionais ao seu grupo. Durante as vivências pontuais de autoconhecimento e conhecimento dos outros, relações vão se estabelecendo e todos se fortalecem. A partir de uma equipe fortalecida fortalecem-se, também, a visão, a missão e os objetivos da instituição.

Pessoas solitárias, sem vínculos, dificilmente se entrosam nos projetos. Ficando de fora, sentir-se-ão excluídas e, maioria das vezes, fazem o percurso na contramão. Esse é um perigo para o progresso de uma gestão que se pretende coesa e proativa. Pessoas solitárias, sem referenciais de amor, dificilmente são fiéis aos compromissos acordados no grupo.

Não é simples, na visão macro do grupo, perceber e administrar os elos que vão se formando entre dois ou três componentes, ali; entre mais dois ou três, acolá. O fato é que as afinidades fazem as aproximações e isso é muito bom. Contudo, gerenciar os interesses dos pares de amigos, dentro do grupo, requer imparcialidade do gestor. Sua demanda é reconhecer as afinidades, respeitá-las, sem permitir perdas para o todo.

Este princípio de gestão é de singular importância porque a instituição se fortalece quando suas reuniões e celebrações tornam-se espaços de encontros das pessoas que se amam e que têm o que comunicar umas às outras. A instituição ganha ao ser o espaço escolhido quando o tempo é disputado com outros eventos. A instituição ganha porque entre seus próprios

membros há apoio ao crescimento individual, há solidariedade, há vidas que se misturam nas lutas, nas cumplicidades.

O princípio de fortalecer os membros da instituição por meio do incentivo à construção de amizades, facilita, inclusive, o momento de transição da gestão. Amparados nos elos criados e fortalecidos, os membros do grupo sentem-se apoiados uns nos outros e animados a prosseguirem suas trajetórias. Para tanto, impõe-se a necessidade de o gestor conduzir de forma a alimentar as relações e as motivações individuais, subgrupais e do grupo macro, fazendo valer o espaço da comunicação clara e eficaz e do entendimento entre todos.

Assim, a instituição fica fortalecida internamente, seus membros se valorizam e reconhecem-se uns aos outros, como pessoas em constante crescimento. “Um ao outro ajudou, e ao seu companheiro disse: Esforça-te” (Isaías 41:6 BÍBLIA SAGRADA). Na perspectiva do reconhecimento e da ajuda mútua, não há espaço para o sentimento de orfandade. Na seção seguinte, na exposição da última crença sobre liderança, será enfocada a arte de fazer sucessão.

7. Pensar a sucessão desde o primeiro dia da assunção. O líder precisa saber a hora de passar o bastão

Não busco discípulos para comunicar-lhes saberes. Os saberes estão soltos por aí, para quem quiser. Busco discípulos para neles plantar minhas esperanças (Alves, 2001:11).

Como não poderia ser diferente, a sétima e última crença em gestão diz respeito a passar o bastão, os ônus e os bônus de uma liderança. Passá-la de forma responsável. Passá-la com sugestões de sucessores que garantam o futuro melhor que o passado. Para passar o bastão em paz, temos que repousar a cabeça num justo travesseiro e responder a todas as perguntas que ele faz. O travesseiro não tem piedade. Ele acorda até o inconsciente e traz os momentos mais festivos e os mais tensos, para desfilarem ante nós e nos inquirir.

Para mim, tem sido extremamente gratificante não ter do que me envergonhar diante da inquisição da consciência e do Eterno, no que se refere a passar bastões. A orientação de Paulo ao seu filho na fé, Timóteo, foi “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar” (II Timóteo 2:15 – BÍBLIA SAGRADA).

Desaprovo-me em minha condição humana limitadora, mas tenho paz sobre o que me veio às mãos para fazer porque minha memória registrou todas as vezes em que fui além de mim mesma. Dentro da minha concepção de responsabilidade, o fui e o sou.

Aprendi, nos diálogos com o Filósofo Marcos Monteiro, que desocupar lugares é também fazer o bem. É compreender que não somos insubstituíveis. É ter a consciência que a causa é maior que nós e que há outros tão “chamados” quanto nós que precisam dos espaços vazios para se desenvolverem, crescerem e realizarem suas lideranças. Desocupar espaços é exercitar a fé. Perder o *time* da saída é um perigo! Inumeráveis excelentes

gestores, enquanto produtivos, acertaram tudo, mas não acertaram o passo da saída.

Paulo Freire alicerçou seu discurso nas experiências que viveu à frente do Serviço Social da Indústria (Sesi), de Pernambuco, durante dez anos. Ele mesmo afirmou, no ano de 1959: “Foram dez anos de intimidade com o operário do Recife. Foram anos de leituras, estudos e observações que fundamentaram, repitamos, muitas das afirmações que fazemos” (Freire, 2003:24).

Desde 31 de dezembro de 2025, tenho dito todas as palavras alicerçada na experiência de quarenta anos de gestão eclesiástica, educacional, universitária. Desse lugar tenho falado e escrito, satisfeita.

Palavras finais

Combati o bom combate. Acabei a carreira e guardei a fé! (Paulo, o apóstolo. II Timóteo 4: 7, BÍBLIA SAGRADA).

Paulo, o apóstolo, viveu 62 anos. Todo seu ministério, possivelmente, não tenha chegado há vinte anos, mas foi inteiro no cumprimento da missão. Grande exemplo e desafio para todos os gestores de boas obras. Combate significa luta contra obstáculos. Paulo afirma que seu combate foi bom porque foi a favor do bem e da verdade. O *bom combate* é uma luta contra o mal, contra a ignorância, contra a consciência ingênua, contra a má vontade, contra a intolerância, contra toda forma de

preconceito, contra a fragmentação do ser, contra a tudo que dispersa, portanto, contra o diabólico⁴.

Diante da grandeza da história e da missão das instituições por onde passei, qualquer que tenha sido minha contribuição, foi minúscula; no entanto, diante de mim mesma, da transitoriedade da minha vida e do meu potencial realizado, foi o meu máximo. E, para o alento da minha alma, Viktor Frankl afirma:

Nunca me canso de dizer que os únicos aspectos realmente transitórios da vida são as potencialidades; porém, no momento em que são realizadas, elas se transformam em realidades; são resgatadas e entregues ao passado, no qual ficam a salvo e resguardadas da transitoriedade. Isso porque no passado nada está irremediavelmente perdido, mas está tudo irrevogavelmente guardado.

(Frankl, 2019:144).

Descanso na certeza que o realizado está ‘irrevogavelmente guardado’: o amor, a missão, a confiança, a vitória sobre a preguiça, a limpeza das minhas mãos.

Escrevi esse ensaio porque trago comigo a mesma dor sentida por Simone Weil (*apud*, Han, 2025:8) “Para mim é uma grande dor temer que os pensamentos que desceram até mim possam estar condenados à morte pelo contágio da minha insuficiência e minha miséria”.

⁴ Segundo Leonardo Boff, diabólico provém de dia-bállein. Significa: lançar coisas para longe, de forma desagregada e sem direção. É tudo o que desconcerta, desune, separa e opõe (Boff, 1998:12).

Referências Bibliográficas:

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

ALVES, Rubem. **Conversas sobre educação**. Campinas, São Paulo: Verus, 2003.

ASSIS, Machado. **A agulha e a linha**. In: **Para gostar de ler – Contos universais**. São Paulo: Ática, 1984.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. **Metodologia de Pesquisa das Crenças sobre aprendizagem de Línguas: Estado da Arte**. In: Rev. Brasileira de Lingüística Aplicada, v.1, n.l, 71-92, 2001.

BEAL, George, BOHLEN, Joe e RAUDABAUGH, J. Neil. **Liderança e dinâmica de grupo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

BÍBLIA SAGRADA on line: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/ex/3>.

BOFF, Leonardo. **O despertar da águia. O dia-bólico e o simbólico na construção da realidade**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BONDER, Nilton. **Tirando os sapatos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

COMENIUS, **Didática Magna**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**. 47. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 29. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2003.

HAN, Byung-Chul. **Falando sobre Deus**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2025.

HUNTER, James C. **O monge e o executivo – Uma história sobre a essência da liderança**. 19 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

LISPECTOR, Clarice. In: **Elenco dos cronistas modernos**. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet (1599 e 1601)** Tradução de SILVA RAMOS, Péricles Eugênio da. Editora Abril, 1976.

O BANDITISMO DE JEQUIÉ – BAHIA: O BANDO DOS CAUAÇUS, ANÉSIA E AS FORÇAS POLÍTICAS E EXPEDICIONÁRIAS

Marcia do Couto Auad



Marcia do Couto Auad nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 26.03.1964, veio para a Bahia em 1976, formou-se em Letras na UESB. Mestra em Memória Social e Documento, pela UNIRIO foi a 1ª Diretora de Cultura de Jequié e fundadora e coordenadora do PROLER Jequié.

Professora do antigo colégio Polivalente, da UNEB e da UESB colaborou como Coordenadora Pedagógica e de Colegiado em diversos cursos e instituições, bem como atuou como Assessora Acadêmica, no campus de Jequié/UESB. Atualmente é membro da Academia de Letras de Jequié, ocupa a cadeira 24, tendo por patrono Hermes Matos Martins.

O BANDITISMO DE JEQUIÉ – BAHIA: O BANDO DOS CAUAÇUS, ANÉSIA E AS FORÇAS POLÍTICAS E EXPEDICIONÁRIAS

Resumo: Este trabalho busca discutir o banditismo na região de Jequié, a formação do bando dos Cauaços e o papel de Anésia Cauaçu dentro do bando. A partir da pesquisa sobre Anésia Cauaçu: mulher-mãe-guerreira foi possível verificar o contexto sociopolítico da região de Jequié-BA, especialmente a zona

catingueira, relatando a história local num recorte que vai do final do século XIX ao início do XX. Para este debate, sobressaem os fatos referentes à formação da cidade, o movimento de combate ao banditismo, os clãs políticos, em especial os ligados aos Rabudos e aos Mocós, o surgimento do bando dos Cauaços, as expedições policiais acionadas para “exterminar” esse bando, a participação de mulheres nos confrontos e como Anésia veio despontar como precursora da mulher em bandos e na liderança do grupo. Como suporte teórico, trabalhamos com a bibliografia sobre memória social e representações, utilizando do método da história oral, além de nos firmar em documentos de fontes diversas disponíveis em arquivos públicos, bibliotecas, institutos históricos e geográficos, jornais.

Palavras-chave: 1. Mulher 2. Banditismo 3. História regional

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge a partir da pesquisa sobre Anésia Cauaçu mulher-mãe-guerreira e pretende de modo sucinto tratar de um dos períodos mais conturbados da região de Jequié-BA: o banditismo. Conflitos, confrontos, violência, sobrevivência, massacres; esses são alguns, dentre outros tantos termos que podem ser elencados para caracterizar o que ocorreu nessa região durante o final do século XIX e início do século XX.

A história foi construída a partir de relatos orais. A história oral enquanto metodologia foi utilizada por se adequar melhor na construção mnemônica de Anésia, sua representação no

imaginário popular e fatos vivenciados por esses atores sociais, que não constavam em documentos escritos. A pesquisa contou com busca documental e imagética da época como suportes importantes.

Pretendemos aqui iniciar com a formação da cidade, o combate ao banditismo, os clãs políticos, a formação do bando dos Cauaçu e a participação de Anésia no bando e na história.

FORMAÇÃO DA CIDADE E BANDITISMO

O vilarejo Jequié, situado entre a zona da mata e da caatinga, se torna distrito de Maracás em 1880, através da Resolução 2078, de 13 de agosto. Ao longo dos dez anos seguintes observa-se um acentuado declínio do município de Maracás, enquanto se registrava o desenvolvimento de Jequié, que a 2 de maio de 1890 vê instalada sua Junta de Alistamento do 2º distrito.

O crescimento de Jequié começa a despertar a cobiça e o interesse político. Também a Bahia passa por mudanças; tem início um período economicamente propício, com a cultura do cacau e do fumo¹, e já em 1872, segundo o censo, 13% da população nacional encontrava-se na Bahia².

¹ O cacau representou um aumento de 361% no volume exportado e de 41%, em média, nos preços. Se considerarmos cacau e fumo, conjuntamente, o valor médio de suas exportações aumenta de 151.000 para 1.057.000 libras durante a segunda metade do séc. XIX.

² Sobre a questão econômica na Bahia, ver FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura S/A, 1959. p. 174-178.

O arraial de Jequié aproveita esses novos ares, principalmente por situar-se em local privilegiado, cortado pelo Rio das Contas, onde se davam as negociações entre tropeiros. Aqui eles apeavam para repousar, contar histórias e comercializar os variados produtos que traziam. Desta forma a futura vila de nome indígena (Iaquieh ou Yaquieh), crescia e se tornava ponto de referência e importância na região e conseqüentemente no estado.

Ainda em 1892 é criado o Clube União, com o objetivo de combater o banditismo, que já se manifestava por toda a região. Em 1894 é nomeada a Primeira Junta Distrital de Jequié, sob a presidência de Antônio de Sousa Brito Gondim.

Com o crescimento do distrito e com a luta pelo domínio da terra, verifica-se em 1895 uma grande onda de saques, assaltos e conquista de terras, perpetrada por José Marques da Silva, o Zezinho dos Laços, numa reafirmação do banditismo na região. Tal demonstração de força levou-o a presidir a segunda Junta Distrital, a partir de 31 de maio de 1896.

Como a eleição de Luís Viana ao governo do Estado trazia entre suas principais bandeiras o fim do banditismo, Zezinho dos Laços foi destituído e preso em 29 de outubro daquele mesmo ano, prisão que durou até o dia de seu julgamento, na cidade de Ubaíra. O poder dos Rabudos, liderado pelo articulador político Marcionílio Sousa, de Maracás, foi suficiente para coagir os jurados, que o inocentaram, levando o juiz a determinar sua soltura.

Em 1897, através da Lei 180, de 10 de julho, sancionada pelo Governador Luís Viana ocorre a emancipação política; Jequié é elevada oficialmente à categoria de Vila e tem início a

elaboração de um Código de Posturas municipal. O advogado Lindolfo Rocha é nomeado juiz preparador do termo de Jequié, comarca de Maracás, pelo Decreto nº 474, de 27 de julho de 1897.

Dessa forma, em 25 de outubro de 1897 dá-se a instalação do Conselho Municipal e a eleição de seu presidente, na pessoa do conselheiro Nestor Ribeiro. Em seguida, Urbano de Sousa Gondim é escolhido para ser o primeiro intendente do novo município.

Urbano Gondim é reeleito em 1899. Após a reeleição as desavenças entre a Intendência e o Conselho Municipal tomam grandes proporções; o Conselho se desmembrar em duas facções, que passam a funcionar separadamente até 17 de junho de 1900, quando um novo pleito é realizado e o médico José Alves Pereira elege-se intendente, substituindo Urbano Gondim.

O final do século XIX é marcado por uma trégua entre as facções políticas. Jequié cresce do ponto de vista cultural, social e político, com a criação do primeiro jornal impresso (O Jequié), a chegada do cinema, a criação do clube dramático e da filarmônica “A Lira”. Surgem leis para as questões relacionadas à cultura, são criados a Biblioteca e o Arquivo Público.

Por esse tempo houve um surto de febre amarela, em 1900, e considerável crescimento populacional, com a chegada de flagelados fugidos da seca. Em 1914 uma grande cheia destruiu grande parte da cidade, provocou sua reorganização urbanística, com pensamento no futuro e no crescimento econômico.

Ainda nesse início do século foi instituída a patente de coronel para os grandes latifundiários, por sua guarnição e pelo número de homens que os serviam: surgia a Guarda Nacional e se consolidava o poder dos coronéis na comunidade que integravam

e dominavam politicamente. Em nossa região recebeu essa patente, entre outros, Marcionílio Antônio de Sousa, por volta de 1910 líder do clã dos Rabudos, na cidade de Maracás.

Nesse período, os coronéis dominam a política local e regional, e instituem como que um estado próprio no sertão, denominado *República dos Coronéis*. “O amadurecimento do coronelismo como instituição unicamente brasileira teve lugar durante a Primeira República (1889-1930), as quatro décadas críticas de transição de uma fase socioeconômica para outra”.³

Essa instituição se dava a partir da formação dos clãs, que na sua composição contavam inicialmente por parentes consanguíneos dos coronéis e por componentes não-consanguíneos, dependentes economicamente e ligados a interesses políticos. Com o crescimento do clã e das disputas político geográficas eram incorporados grupos de indivíduos armados, conhecidos por jagunços, cabras ou capangas, e na fala regional também por “rufiões”.

Para entendermos melhor nosso objeto de estudo, vejamos as formações dos clãs na região de Jequié. Havia do lado dos Rabudos o coronel Marcionílio Sousa, chefe do clã, que tinha em Tranquilino, Cassiano do Areão e Zezinho dos Laços os parentes e dependentes, além de um exército particular de jagunços. Com relação aos Mocós, os Gondins, os Mirandas e os

³PANG, Eul Soo. **Coronelismo e Oligarquias: 1889-1943**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p.21

Caraíbas formando os clãs políticos. E havia os Cauaços, que apesar de esporadicamente ligados aos Mocós eram organizados independentemente. Em sua formação inicial predominavam os membros da família, incluindo as mulheres (uma característica singular na formação desse bando). E, finalmente, Silvino do Curral Novo, também conhecido por Capitão Silvino, que chefiava um grupo formado por familiares e pessoas da comunidade do Curral Novo, guardava relativa independência diante dos demais ou, ainda, defendia interesses próprios.

São esses os grupos que mantinham a efervescência das lutas armadas: por um lado buscando a manutenção do poder; por outro, a sobrevivência e sem dúvida a vingança. O banditismo se desenvolve diante desse contexto sociopolítico e econômico, num dos momentos mais sanguinários registrados na história de Jequié e região.

OS CAUAÇOS

Uma vez delimitadas as facções políticas maiores em apenas dois grupos, o poder de mando ora pertencia aos Rabudos, ora aos Mocós e quem trabalhasse ou prestasse serviço a uma dessas facções deveria servir-lhe também nos confrontos armados e nas emboscadas frequentemente organizadas. Mas quem eram os Cauaços? A resposta quem nos dá é Anésia, quando diz:

– Os Cauaços eram comerciantes e lavradores. Fazendeiros, possuindo algum capital, com muitas cabeças de gado, foram

sempre muito considerados em Jequié, Brejo Grande, Conquista, Maracás, Amargosa e Boa Nova, negociando com as principais firmas do sertão baiano, dispondo de muito crédito e bom conceito.⁴

Foi por se recusar a assassinar um desafeto de José Marques, o Zezinho dos Laços, que um primo de Anésia Cauaçu foi morto com requintes de crueldade. Maior dor foi o fato de Zezinho não permitir à família enterrá-lo dignamente, o que levou os Araújo a entrarem definitivamente na luta armada contra o clã dos Rabudos e, mais tarde, enfrentar as expedições policiais do Estado, já então reconhecidos como o bando dos Cauaços.

“As lutas ficaram mais acirradas. As tocaias e emboscadas eram uma constante. Os Cauaços passam a reforçar e defender o clã dos Mocós, ao ponto de intimidar o chefe regional dos Rabudos, Marcionílio Sousa, principalmente quando dos ataques e saques contra os fazendeiros da região de Maracás, dominada pelo coronel Marcionílio. Diante desses fatos, ocorrem denúncias na capital baiana, o que leva o governo de Muniz a autorizar uma primeira expedição contra os “bandidos” que aterrorizavam parte da região sul e sudoeste do Estado. Inicia-se aí uma série de ataques, saques e mortes que fazem desse período, mais especificamente o ano de 1916, um dos mais sangrentos da história regional.”⁵

⁴ Entrevista de Anésia ao Jornal *A Tarde*, 25.10.1916, p. 1.

⁵ AUAD, Marcia do Couto. *Anésia Cauaçu mulher-mãe-guerreira* 2013

A partir de 1916 vários jornais da capital passaram a se ocupar do banditismo na região de Jequié. O que antes era um conflito entre clãs, formados por familiares e agregados, passa a se constituir numa quase guerra civil. Observa-se o uso de armas modernas, e a utilização de táticas de guerrilha implementadas pelo bando dos Cauaços, de modo a poderem enfrentar melhor os ataques e confrontos com a polícia. A exemplo das tocaias no Curral Novo e Fazenda Velha, no uso da igrejinha da Pedra do Curral Novo como ponto estratégico para observação, na utilização de armas como o mosquetão *máuser*, 1908, a pistola *parabellum* de 9 mm e dinamite.

O bando dos Cauaços, por ser um bando com características próximas ao que mais tarde se chamou de cangaço independente (o cangaço propriamente só chega à Bahia a partir de 1928⁶, quando da passagem de Lampião pelo estado, hoje alguns pesquisadores começam a discutir o termo cangaço para esse bando, especificamente), esteve em luta permanente contra a polícia, recebendo ajuda de conhecidos, sem que outra facção fosse em sua ajuda, mesmo aqueles que circunstancialmente defendiam. Para as forças do estado os Cauaços eram tratados como bandidos e/ou jagunços (como se pode ver em várias matérias de jornais). Talvez melhor serem caracterizados de bandoleiros independentes e não jagunços, pois não eram assalariados de qualquer coronel.

O que mais chama atenção na formação do bando é sem dúvida a participação maciça de mulheres. Podemos afirmar que muitas mulheres armadas enfrentavam a polícia, ao ponto de em

⁶QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *História do cangaço*. 5. ed. São Paulo: Global, 1997. p. 15.

alguns momentos Anésia assumir a liderança desse grupo. Como vemos a seguir:

Chegou, ontem, de Jequié onde se achava fazendo parte da expedição policial contra os “cauaçus”, bandidos que assaltavam e saqueavam pequenas povoações, o tenente José Pedro Simões.

Veio como emissário do tenente-coronel Paulo Bispo do Nascimento, comandante da força, receber instruções do Sr. Secretário da Polícia.

Por ofício do tenente-coronel comandante, teve o governo conhecimento de que o bando de jagunços, que era composto de 105 homens, está reduzido a 14, tendo morrido uns e fugido outros.

Estes restantes estão sitiados pelas colunas dos alferes Cláudio, Francisco Goes e Casimiro, estando o chefe do bando Antônio Cauaçu, ferido gravemente.

Os combates travados desde o início da luta têm sido encarniçados, estando sempre os jagunços senhores das melhores posições.

Além dos poucos conhecimentos dos matos em que se acham, a polícia vê-se também prejudicada com a péssima qualidade de alguns cartuchos que levaram e que das fábricas vieram no meio de outros.

O tenente-coronel Paulo Bispo já enviou mais de um emissário a Antônio Cauaçu, propondo que ele se renda, assegurando-lhe a vida e os bens, que ele tem rejeitado, declarando preferir morrer.

Auxiliando os jagunços, as suas mulheres, armadas de repetição fazem frente aos policiais lutando com verdadeira fúria.

A polícia poupa-lhes a vida, já tendo conseguido capturar mais de 40 que se acham presas para esclarecimento.⁷

Sabemos que o registro de mulheres em bando se deu a partir da entrada de Maria Bonita no cangaço, entretanto esta pesquisa mostrou que na Bahia, na região de Jequié, já havia mulheres em bandos, e Anésia se destaca como precursora. Talvez se possa afirmar que “Anésia estaria para o banditismo em Jequié, assim como Maria Bonita para o cangaço.”⁸

ANÉSIA ADELAIDE DE ARAÚJO OU ANÉSIA CAUAÇU

Anésia está no imaginário popular como uma guerreira, que, no enfrentamento, utiliza-se de armas, possui uma pontaria infalível e lidera seu bando, quando se faz necessário. Casada com Afonso, era mãe de, pelo menos, uma filha. E chefiava sua casa como qualquer outra mãe de família. É descrita como uma mulher alta, alva de olhos azuis, “bons dentes” e fala suave, educada. Filha de Rufino e Maria Galeana de Araújo, comerciantes; irmã de José, Tertuliano, Eduvirgens, Olímpio,

⁷ Jornal A TARDE, 07 de julho de 1916, 1^a p.

⁸ Entrevista com Emerson Pinto de Araújo, em 09.04.1999.

Antônio de Viriato, Jovina e mais duas meninas, cujos nomes não encontramos registro, originários das Lavras Diamantinas.

Dizem que tinha o corpo fechado, que praticava a capoeira e gostava de uma boa pinga. Montava e se vestia como qualquer um do bando, e também se identificava pelo lenço preto, em sinal de luto pela morte do primeiro Cauaçu, ponto de partida para a vendeta familiar e origem de tudo. Essa era Anésia.

Após as milícias e expedições policiais os Cauaços perderam seu líder José Cauaçu em combate, e Antônio assume o bando; Anésia o segue. O grupo se fragiliza. Muitos são presos incluindo as mulheres, Anésia é traída por um coiteiro, não vai presa mas seu marido Afonso é preso e condenado por um crime cometido em 1913. O bando se esfacela, as notícias dão conta de que parte do bando desce para a região sul, atacando, roubando e fugindo para não morrer. A família, por estratégia de sobrevivência, espalha-se; todos fazem voto de silêncio, de modo que os descendentes nada ou quase nada saibam do que aconteceu.

Em 1930 termina o banditismo e apenas temos a informação de que Anésia fora vista, antes disso na região de Ilhéus e posteriormente em Salvador. E essa foi a última notícia de Anésia e dos Cauaços, na Bahia.

Em 2023, a professora pesquisadora, Dra. Patrícia Valim nos enviou documentos que levam crer que Anésia sai de Salvador e embarca em São Paulo aos 07.01.1928 para Porto Alegre, RS; bem como outros parentes. Ainda há muito por dizer e essa história não se esgota aqui.

Oxalá, que venham os novos pesquisadores!

JEQUIÉ NA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE LUIZ GONZAGA

Domingos Ailton Ribeiro de Carvalho



Domingos Ailton Ribeiro de Carvalho é escritor, jornalista e pesquisador jequieense, membro fundador da Academia de Letras de Jequié. Autor de romances, ensaios e documentários, atua na preservação da memória, da cultura e do patrimônio regional. Atualmente é secretário de Cultura e Turismo de Jequié e curador da FELISQUIÉ.

JEQUIÉ NA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE LUIZ GONZAGA

O “Rei do Baião”, Luiz Gonzaga, ícone do forró nordestino, tem vários episódios de sua vida artística ligados a Jequié.

Com base em depoimentos de Eulália Machado da Nóbrega, Geraldo Teixeira e Alfredo Delsarto, o jornalista Ari Moura afirma que quem trouxe Gonzagão, pela primeira vez, a Jequié foi seu pai, Manoel Moura, proprietário da “Casas dos Retalhos”, estabelecimento comercial instalado na época à Rua Damião Vieira. A apresentação de Luiz Gonzaga ocorreu na década de 1950 no “Colarinho de Saback”, na Praça Rui Barbosa. Ao longo de três décadas Rei do Baião fez diversos shows e também vários amigos em Jequié, convidando o músico Mário Alves Filho para que fosse fazer carreira artística no Rio

de Janeiro e comemorando um dos seus aniversários, na sua data de nascimento, 13 de dezembro, na Cidade Sol.

Luiz Gonzaga também se tornou amigo do casal de cineastas Robinson Roberto e Marilusa Barreto, que vivia em Jequié.

Em uma das visitas a cidade, Robinson Roberto perguntou a Gonzagação qual opinião dele sobre o fato de Caetano Veloso ter gravado a música de sua autoria, “Asa Branca”, o “Rei do Baião” respondeu que o cantor santoamarense fez uma verdadeira oração ao interpretar sua canção. Robinson Roberto disse que não tinha visto ainda o disco, Gonzaga então abriu a mala e pegou o LP de Caetano Veloso dando de presente com autógrafo: “Ao amigo Robinson com um abraço caetaneando, Luiz Gonzaga, Jequié, 12 de julho de 1971”. Robinson Barreto e Marilusa Barreto estiveram na cerimônia de concessão do Título de Cidadão Recifense na capital pernambucana e Gonzagão registrou a presença do casal jequeense.

O carioca Klecius Caldas (1919-2002) e o recifense Armando Cavalcante (1914-1964) compuseram ‘Sertão de Jequié’ para Luiz Gonzaga gravar. A grande estrela musical brasileira da época, Dalva de Oliveira, ficou encantada quando conheceu a canção ‘Sertão de Jequié’, imediatamente foi até ao “Rei do Baião” e fez o pedido: “Amo essa música. Quero gravar. Você deixa?” Cavalheiro e generoso como era Gonzagão, ainda mais sendo solicitado por uma fascinante diva, não pôde resistir.

Lua (outro adequado apelido de Seu Luiz) abriu aquele sorriso enorme e disse: - “Pode gravar, minha linda!” Na Era do Rádio e com sucesso que fazia, Dalva de Oliveira fez com que

‘Sertão de Jequié’ tivesse projeção nacional, sendo tocada nas grandes emissoras de rádio do País.

Dalva de Oliveira guardava com muito afeto a hospitalidade do povo de Jequié, a maneira como foi recebida em noite de gala, no Cine Theatro Jequié, com plateia lotada de 1200 lugares, no começo de 1950. Tratada como uma verdadeira Rainha pelos fãs jequieenses e por ricos italianos que aqui viviam, Dalva de Oliveira quis retribuir todo aquele carinho com a gravação de ‘Sertão de Jequié’.

Com ritmo lento e nostálgico como seria “Sertão de Jequié” em ritmo de forró?

Em entrevista concedida ao jornalista Marcos Cirano, em Recife, a 17 de outubro de 1988 (menos de 1 ano depois viria a falecer em 02 de agosto de 1989), Luiz Gonzaga afirmou que cantava em seus shows e que gravaria ‘Sertão de Jequié’ em um novo disco.

Em 1952, quando esteve em Jequié, Luiz Gonzaga conheceu Osvaldo Nunes Pereira, que tinha nanismo e naquela época fazia referência a uma pessoa que tinha assim uma baixa estatura como “anão”. Osvaldo trabalhava em um posto de gasolina na Praça Coronel João Borges. Naquela ocasião já pensou em incluí-lo no seu trio de forró, uma vez que o fato seria inusitado. Esteve também com o engraxate de sapatos Juraci Miranda de Ipiaú, que chamava atenção dos fregueses porque fazia malabarismo e percussão com as escovas da caixa de engraxar calçados.

No ano seguinte, 1953, Gonzagão demitiu o zabumbeiro “Catamilho”, depois de uma apresentação em Itabuna, porque o

músico bebia muito e de tanto embriagado chegou cair do palco na cidade cacaueira. O trianguero Zequinha, em solidariedade ao amigo demitido, resolveu sair também.

Luiz Gonzaga não poderia ficar sem ritmistas porque tinha shows agendados, a começar por Santo Antônio de Jesus. Foi então que Lua lembrou do anão Osvaldo Nunes Pereira de Jequié e do engraxate de sapatos Juraci Miranda de Ipiaú, que apesar de não serem músicos profissionais tinham habilidade para instrumentos musicais ao improvisar ritmos em objetos alternativos nas suas atividades laborais.

Mandou seu motorista buscá-los e depois foram ensaiar ao lado de uma cachoeira, onde completamente nus intercalavam banhos com ensaios, como mostrou o filme “Gonzaga de Pai para Filho”. Estava formado o novo trio de forró com o Osvaldo Nunes Pereira, de Jequié, no triângulo, que foi denominado “Xaxado” e o engraxate de sapatos Juraci Miranda, de Ipiaú, na zabumba, que passou a ser chamado de “Cacau” e Luiz Gonzaga, Lua, Gonzagão, de Exu, na sanfona e na voz, que estreou na noite de 23 de outubro de 1953 em Santo Antônio de Jesus.

Um ano depois, Osvaldo ganhou outro nome artístico: “Salário Mínimo”. Numa turnê pelo norte do País, um recepcionista do hotel em que o trio ficou hospedado, disse que o tocador de triângulo era tão pequeno que mais parecia com o salário mínimo do Maranhão (naquele época o piso salarial era por estado). O apelido pegou. O pequeno grande jequieense Osvaldo foi mais carismático ritmista de Luiz Gonzaga. Deixou de trabalhar um tempo com o Rei do Baião porque bebia muito, mas voltou atuar no trio de forró e a usar o nome Xaxado,

tocando com Gonzagão no Forró Asa Branca, na Ilha do Governador no Rio de Janeiro.

O jequieense Noca do Acordeon era muito admirado por Luiz Gonzaga, que o considerava um dos melhores solistas do Brasil. Num dos seus shows na Praça Rui Barbosa em Jequié (em cima de um caminhão), Gonzagão convidou Noca para se apresentar ao seu lado.

Outro jequieense esteve diretamente ligado a trajetória artística do “Rei do Baião”: O poeta, compositor e produtor cultural Jorge Salomão, que dirigiu o show “Luiz Gonzaga ao Vivo volta pra curtir”, gravado no Teatro Tereza Rachel, Rio de Janeiro, em março de 1972. Dirigido por Jorge Salomão, com roteiro dele e do poeta José Carlos Capinan, o espetáculo foi um marco na carreira musical de Gonzagão. Pela primeira vez, o “Rei do Baião” se apresentava na Zona Sul carioca, para uma plateia em sua maioria formada jovens “cabeludos”, intelectuais, estudantes, muitos deles de esquerda, fazendo oposição ao regime ditatorial da época, e que estavam ali para ver Luiz Gonzaga apresentar a sua música autêntica do sertão nordestino e ouvir os seus “causos”.

Mesmo com a projeção de sucesso em todo País e no exterior, Luiz Gonzaga nunca perdeu a humildade e a generosidade. Ao saber que o pai da bancária Rosário tinha vontade imensa de conhecê-lo, abriu espaço na sua agenda e foi na casa do senhor, na Rua Rio das Contas, hoje Rua Desembargador Andrade Teixeira, no Bairro Joaquim Romão. O fã quase morre de emoção de ver o “Rei do Baião” ir em sua casa para lhe fazer uma visita.

Em outra ocasião, mesmo cansado de uma longa turnê, não deixou de ir na Clínica e Escola Maria Rosa – Cemar, na Avenida Rio Branco, e tocar para as crianças com necessidades especiais.

Todos que o conheceram dizem que Luiz Gonzaga tinha um imenso carinho por Jequié e os jequieenses precisam manter viva a memória deste que foi o maior sanfoneiro nordestino de todos os tempos e o maior divulgador do autêntico forró pé de serra.

POEMAS

LITERATURA PORTUGUESA

Manoel Gomes Aragão



Manoel Gomes Aragão, jequieense, Biólogo, Analista Químico, Educador, Jornalista, locutor de rádio e TV, Especialista em educação, escritor membro da Academia de Letras de Jequié, Autor de três livros e com outras obras em preparo. Exerceu quatro mandatos como vereador, presidindo a Câmara Municipal e atuou como Secretário Municipal em Jequié e Administrador na Prefeitura de Jaguaquara. Foi Diretor de três colégios e professor por quase cinco décadas, Coordenador do CSU e do Sudic, atua como empreendedor imobiliário.

LITERATURA PORTUGUESA

Ao lado da tão vasta Europa Pireneus!
Que cadeia... Deixou quase fora até o Atlântico
A ocidental Ibérica, que península!
Oh! Miscigenação, dez mil anos? ...
Quem resistiu viu aculturações
O nativo, o latim e seus dialetos
O clero, a nobreza e o povo...
Pode prever a vinda do Messias
Existiu até inúmeros deuses.
Os imaginários e os legendários
Os visíveis e os invisíveis...
Conheceu o seu produzir:
Do primitivo ao socialismo.

Oh! Feudalismo, Oh! Capitalismo!
Quantas fases, quanto poderio...
Oh! Era medieval: Trovadorismo e Humanismo,
Das cantigas de amor e escárnio,
Do maldizer, da irmandade,
Que idade historiográfica e teatral.
O Portugal de lutas e prazer,..
Consolida o teu Estado, teu ser...
Revolução e grandes navegações Avis!
De Fernão Lopes e Gil Vicente...
Ó Mundo, que caminhas...
Feudalismo... Lá vem a crise.
As Universidades, o Teocentrismo
O comércio e o Antropocentrismo.
O Era clássica,
Quinhentismo ou classicismo
Seiscentismo ou Barroco,
Setecentismo ou arcadismo.
Portugal no oriente, que comércio! Jesuitismo e sua ausência
A Espanha já apanha, que lugar!
Despotismo, Pombal: que esclarecimento, que governo!
Renasce... até o capital, mercantil,
Os protestos de reforma... A contrarreforma, o iluminismo.
Revoluções: Francesa e Industrial.
Sá de Miranda a Camões,
Os padres na literatura, O Antônio Vieira,
Dê licença minha Bahia, meu Brasil!
Noeclássismo, Arcádias. O Bocage!
Ó Era Romântica: quantos ismos;

Do romantismo ao modernismo, realismo e o simbolismo.
Da nossa Independência...? Até aqui.
A revolução do Porto, a guerra Civil, meu Brasil,
Anticlericalismo, greves, adeus monarquias,
A República, a crise econômica, o Estado Novo
A Ditadura salazarista e vinte e cinco de abril.
O liberalismo burguês e as guerras Napoleônicas
O socialismo, o positivismo, indústrias e evolucionismo
Freud e a psicanálise, a pré-guerra,
E as vanguardas artísticas.
A primeira Guerra Mundial,
A Revolução Russa e o Nazifascismo
A Segunda Guerra Mundial, a guerra fria
É a ceifa higiênica ou o pecado original.
De Almeida Garrett a Camilo Castelo Branco,
Alexandre Herculano, Questão Coimbra
Antero de Quental e Eça de Queiroz
O Decadentismo, Eugênio de Castro...
Antônio Nobre, Camilo Peçanha
Ó Revista, "Orpheu"
Fernando Pessoa... Quantas pessoas... Mário de Sá Carneiro
E eu e nós onde estaremos? ... Sou daqui ou sou de lá?
De quem sou filho? Da miscigenação
Onde entro nisto tudo... Em que era, ou, em que poesia? ...
Espero que um dia possa contar...
Mesmo que aqui, eu esteja lá...
Hei de ver a mãe e o filho,
Os irmãos, até os inimigos, unidos...

POETRIX

Jussara Midlej



Jussara Midlej, natural de Ipiaú-BA, é professora pesquisadora aposentada pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Pedagoga com pós-doutoramento em Educação. Membro da Academia de Letras de Jequié, desde 2013. Publicou a obra “Haicais – métricas baianas” em 1996. Em 2000 tornou-se membro do Movimento Internacional Poetrix (MIP) e integrou as Antologias Poetrix 1, 2 e 5. Juntamente com Goulart Gomes, em 2011, compôs o artigo “Poetrix: uma proposta para o novo milênio” inserido na obra “501 Poetrix para ler antes do amanhecer” (2011, p. 35–40). Participou como poetrixta, da citada obra (Op. Cit., p. 142-144). Membro da Academia de Letras de Jequié, desde 2012.

POETRIX

Terceto contemporâneo de temática livre, com título, ritmo e um máximo de trinta sílabas métricas, distribuídas em apenas uma estrofe com três versos. A palavra POETRIX (de POE, poesia e TRIX, três) surgiu, pela primeira vez, no idioma português, no Manifesto Poetrix, publicado no livro TRIX - Poemetos Tropi-kais, do baiano Goulart Gomes. Esta obra foi premiada com Menção Especial no Prêmio Jorge de Lima, outorgado pela Academia Carioca de Letras e União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, em 2000. O POETRIX é, certamente, a primeira linguagem poética a ganhar uma

definição discutida e elaborada pelos seus próprios praticantes - os poetrixas - no mundo virtual da internet, desde 1999, sob a coordenação de Goulart Gomes. Apresentou-se como uma evidente alternativa ao hai-kai (haiku) a subverter o seu conteúdo na admissão de título, rimas, figuras de linguagem e um maior número de sílabas métricas.

No ambiente virtual, promovido numa perspectiva dialógica, aconteceram oficinas, apresentações, concursos e debates, mantendo a sua forma em tercetos e ampliando-o para as formas múltiplas – duplex, triplex, multiplex que são a junção de dois ou mais poetrix. Expandiu-se internacionalmente com representantes em vários países a compor o Movimento Internacional Poetrix (MIP).

São características do POETRIX:

É arte minimalista, ou seja, procura transmitir a mais completa mensagem em um menor número, possível, de palavras: escrever um poetrix é como lapidar um diamante;

Um poetrix não é uma frase fragmentada em três partes;

O título é uma exigência e não existe rigor quanto à métrica ou rimas (mas o ritmo é desejável). Não entra na contagem das sílabas;

É essencial que haja uma interação autor/leitor provocada por mensagens subliminares ou lacunas textuais;

Possui figuras de linguagem, de pensamento, tropos ou teor satírico, numa riqueza semântica das palavras e dos sentidos polissêmicos da linguagem;

Os tempos verbais – passado, presente e futuro – podem ser utilizados sem distinção;

Metáforas e outras figuras de linguagem, assim como o neologismo deverão ser uma constante nos poetríx, a permitir variadas leituras ou interpretações;

O autor, os personagens e os fatos observados podem interagir, mesmo criando condições suprarreais, cômicas ou ilógicas (nonsense).

O poetríx deverá instigar o leitor a buscar significados nas entrelinhas, a descobrir outros contextos e sentidos, além de lhe provocar surpresa, numa fuga do lugar-comum, das obviedades.

Fonte: GOMES, Goulart (Org.)

Página em branco

Pede a mim
minha essência.
Eu lhe peço clemência...

Individuação

Carrego minha história
qual caracol:
dentro e fora.

Luar

No rastro dele,
caminho.
Nessa luz, meu endereço.

Flechas vivas

Em variados fluxos,
conexões, refluxos,
minhas marcas me conduzem

Chronos

Pensa que sabe,
o tempo.
Só farejo horizontes...

Movimento meritório

Ora se realiza,
ora se esquiva,
Deus expede.

Passado

Insistente
lágrima do tempo
ainda vivo

Palavras

Quedam-se nas linhas.
Nós só precisamos
das entrelinhas.

Perplexidade

rompo a rotina
do ordinário:
o olhar novo me desconcerta.

Nós de nós

Inclementes,
nos após.
Fragmentos, a sós.

Vislumbres

Nas brechas emaranhei-me
elas estacionaram
no que de mim restou.

Nonsense

Insanidade me alimenta:
sou pobre e vã
se apenas sã...

A n (v e r s o)

Meu lado bom,
O louco
O outro, emblema.

Acuidade

No espelho
a outra de mim mesma:
estranha síntese!

Pathos

Essa vida quer religamento:
enquanto hesito,
fragmento.

Desassossego

Vida-violência
na parede-e-meia
comigo

Habitus

Violência humana
reflete em mim:
sou parte dela.

Na sinaleira

Infância abandonada:
passo batida
na visão acostumada.

Tradução

Em inglês, português
ou árabe
mãe sente dor!

Atratores estranhos

Asas de borboleta
tocam estrelas:
acendo teu coração.

Autopoiese

Vida movida
a rodas e rotas
se desfaz, refaz.

Teias

Desafiei a mim
me vi
história sem fim.

Vontade

Quem quer mudança
não vigia porta interna:
de dentro, avança.

D e s(a m o r)

Aloja, anoitece.
Faz que vai,
amanhece!

Tela

Caminho encurto.
De mim, paro perto:
no abismo me debruço.

Tua essência

Leio-te,
deslizo pelo limbo:
tua alma me convoca.

Respeito

Espaço do outro:
limite sagrado
de liberdade.

Irmã Dulce

De cuia na mão,
olhos no chão:
sonhava e fazia.

Movimentos

Adivinho as trilhas,
me enveredo.
Nem preciso perguntar.

Estrelas

Frequentes
olham cadentes
da janela do nosso quarto.

Referências

- GOMES, Goulart. (Org). **501 poetrix para ler antes do amanhecer**. Salvador, EGBA, 2011.
- GOMES, Goulart. **Antologia Poetrix 5**. São Paulo: Scortecci, 2017.
- MIDDLEJ, Jussara. **Haicais: Métricas baianas**. Salvador: Graficartes, 1996.

DOZE CANTOS DE AMOR

José Estelita Pinheiro de Aguiar



José Estelita Pinheiro de Aguiar é médico, otorrinolaringologista, escritor e poeta, radicado em Jequié há 22 anos. É casado com Tâmara Ferraro e pai de Giulia e Matheus. Herdou sua verve poética de sua avó cearense, Djanira Pinheiro Coelho. É membro da Academia de Letras de Jequié desde 2026.

DOZE CANTOS DE AMOR

Em Doze Cantos de Amor, o poeta entrega ao leitor uma arquitetura lírica rigorosa e apaixonante da poesia clássica. Estruturada sob o manto nobre dos versos decassílabos, esta antologia não é apenas uma coleção de sonetos, mas uma jornada iniciática pelas estações do desejo, do amor e da transcendência.

A obra inicia-se com a urgência do apelo em "O Ultimato", estabelecendo o "tu" como o espelho e a razão mística da existência do eu lírico. A partir desse pacto inicial, a narrativa poética desdobra-se em uma progressão geométrica e sensorial perfeita. O recolhimento sagrado do ninho ("Tâmara") expande-se para a ordem cósmica da "Simetria", onde corpos e almas encaixam-se como versos perfeitos.

Na transição dos cantos centrais, o amor transmuta-se em matéria viva e mitológica. Sob as bênçãos de Dionísio e Apolo ("O Mito"), o fogo transforma o carvão bruto em diamante puro, abrindo caminho para uma sinestesia profunda. O toque, o paladar e o olfato misturam-se em "Os Sentidos" e "O Cálice", preparando o terreno para o lirismo delicado e quase sagrado de "A Rosa".

Os cantos finais lançam os amantes ao absoluto. A vastidão do mar revolto em "O Mar" e a fusão amorosa em "Catamarã" desembocam no pacto inescapável de "O Destino" e na súplica da comunhão em "A Prece". O livro encerra-se com o ápice lírico de "O Abrigo", onde a natureza — o fogo, o vento, a lua e o mar — curva-se diante dos corpos enfim entrelaçados.

Doze Cantos de Amor é um monumento à permanência do clássico; uma obra que é, ao mesmo tempo, técnica e visceral. Um convite a perder-se e encontrar-se na eternidade do ritmo, da carne e do verbo. Um convite ao amor.

Epígrafe

*"Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida. / Meus
olhos andam cegos de te ver! / Não és sequer a razão do
meu viver, / Pois que tu és já toda a minha vida!"*
Florabela Espanca

Canto I: O Ultimato

Escrevo-te, amor meu, para dizer-te
Que a mim só resta dar-te um ultimato;
Pois nada é nesta vida como ter-te,
Quando meu corpo tem o teu contato.

Sê tu, destes meus sonhos, o espelho;
Sê tu meu rosto sempre inesquecível;
Sê tu, na hesitação, o meu conselho;
Sê tu, do meu sorriso, o imprevisível.

Sê tu estes meus olhos quando choram;
Sê tu, destes meus passos, o caminho;
Sê tu estes joelhos quando oram.

Sê tu o meu instinto mais lascivo;
Sê tu todo o calor do amor do ninho;
Sê tu razão maior por que eu vivo.

Canto II: Tâmara

Neste mundo que se diz infinito,
Entre nós não há caça ou caçador;
A procura inquietante agora é mito:
Veio à cura, no encontro, o nosso amor.

Qual onda que se despeja na areia
E penetra seus poros, borbulhante,
Em madrugadas dela, a lua cheia,
Eu me despejo em ti, lobo uivante.

Éramos dois; por ora, fomos um.
Deita-te e o rosto descansa em meu peito;
Aquieta-te e dorme, silente câmara.

E o meu mundo é, sem ti, lugar algum;
Completo-te e completa-me esse jeito
De ser-te minha, sendo minha Tâmara.

Canto III: A Simetria

Diz-se encontro perfeito: simetria
De formas, de corpos, d'almas, as gêmeas;
Versos de rimas bem-feitas, poesia
Busca incessante dos machos, as fêmeas.

É assim que se juntam no mundo os pares:
Casais, desejos e beijos, amores.
Lembram encontros fortuitos, lugares
Tintas com que se pintaram, as cores.

Somos dois, espelhos da vida, amantes;
Livres de dores e pecados, são.
Um foi o outro, o outro o um, nos instantes

Do encontro mais que perfeito, ocorrido
Quando, à sombra da noite, minhas mãos
Tornaram-se o teu único vestido.

Canto IV: O Mito

Tu me queimas tal qual fogo ao carvão,
Que já foi lenha ardente, cintilante;
Com o calor intenso dessa união,
Transforma-se o carvão em diamante.

Em teus braços, meu eu é Dionísio:
Tinta loucura, o vinho do teu colo!
Encontro-me de novo em Campo Elísio,
Volto a mim na harmonia de Apolo.

Tens-me envolto em teu dedo, nesse instante;
Teu corpo é luz brilhante que seduz,
Nesse momento de amor e de amante.

E o que somos nós: diamante ou carvão?
Somos os dois, que um ao outro induz,
Pois um é o amor e o outro a paixão.

Canto V: Os Sentidos

Deixa-me tocar teus lábios com um beijo,
De uma boca trêmula que procura,
Mesmo que ainda ardente de desejo,
Recuperar-se em mais uma aventura.

Deixa-me tocar teu corpo com as mãos,
Estas que nunca te darão adeus,
E desvendar com os meus dedos tão sãos,
Como se fosse um cego, detalhes teus.

Deixa-me tocar tua pele com um cheiro
E te sentir em perfume profundo,
Inebriando-me bem, por inteiro.

Deixa-me tocar teu rosto com o meu;
E, enquanto a noite deita-se no mundo,
Deitado ao teu lado, respiro eu.

Canto VI: O Cálice

Bebo-te um pouco em todas as noites,
E espero que tua fonte nunca seque;
Como a chuva, que cai com seus açoites
E cobre sempre a terra com seu leque.

E é quando a noite dobra-se de frio,
Molhada dessa chuva na janela,
Que mais vontade dá-me ao desafio
De beber-te a boca, ardente e bela.

Tomo-te então nos braços com desvelo;
Do teu corpo são minhas mãos devotas,
E preparo-te assim pura, sem gelo.

Bebo-te o cálice tinto de cor,
E chove-te então tua pele em gotas,
Numa noite fria, quente de amor.

Canto VII: A Rosa

A rosa que de ti perfume exala,
Mais bela que de todas já surgiu,
Enche-me de vontade de regá-la,
E cuido para ser-lhe tão gentil.

É linda no buquê que se compõe:
Pétalas entreabertas e vermelhas;
Formosa no favor que se dispõe
Ao abrir o botão de suas celhas.

Regada toda noite ao orvalho,
Habita o melhor canto do jardim
E abraça a madrugada no seu galho.

Só posso admirá-la com fervor;
De certo foste tu que deste a mim
Minha prova, como a rosa, de amor.

Canto VIII: O Mar

Amemo-nos, por nada, no silêncio
De um mar suave, sem ondas, calma;
Assim, me ouvindo, é que te balbucio
Palavras de amor, em tua romaria.

Amemo-nos, por tudo: tempestade
De um mar então revolto, excitado,
Que tenta, assim, cobrir-te da vaidade
Que o dominou por ter-te conquistado.

Amemo-nos, simplesmente, pra amar!
Quando ama o amor, tem ondas no mar,
Que tão mais o amor se dá, mais as tem.

Amemo-nos, simplesmente, pro bem
Do amor, que amando assim se faz feliz.
Amo-te então, e por amar te quis.

Canto IX: Catamarã

Navega-me o corpo em mar aberto,
Em açoites de ondas e marés;
Assim sou oceano e és, por certo,
Um barco inamissível de mil pés.

Desliza-te teu casco com firmeza;
Minhas ondas agora são espuma,
Que te invade com alma e pureza,
Enquanto a brisa sopra-te a bruma.

Lá no encontro do mar com o horizonte,
Ouve-se o apagar do sol aflito,
Ao emprestar à lua a luz da fonte.

E na espera de um novo amanhã,
Sigo-te o leme rumo ao infinito:
E derramo-me em ti, catamarã.

Canto X: O Destino

Eu só pronuncio teu nome, chamo-te
Em belos versos de amor e de desejo;
E deixo-os que sigam ao vento, clamo-te:
Vem até mim, aproveita o ensejo!

És tu a razão da minha loucura,
És tu quem desgoverna este meu peito;
És tu minh' única chance de cura,
Embora não ache o amor um defeito!

Por ti eu colhi esta rosa e dou-te,
Para que se perfume do teu cheiro
E de todo o amor que de mim ficou-te.

E depois, se ainda houver algo a dar-te,
Pede-me! Até dou-me por inteiro,
Pois meu destino selado é amar-te.

Canto XI: A Prece

Só dos meus lábios hás de ter os beijos,
Nas travessuras das noites eternas,
A transformar o teu corpo em desejos
Loucos de, enfim, confundir nossas pernas!

Só das minhas mãos hás de ter carícias,
A te sentir qual te sente o vestido,
A te tocar no teu corpo em primícias,
Antes de tê-lo em meus braços despido.

Só do meu corpo hás de ter calor
A te aquecer toda noite de frio
E a te cobrir n'outras noites de amor.

Só deste amor é que hás de viver
Eternamente neste desvario
E só do meu amor hás de morrer.

Canto XII: O Abrigo

Qual lua que se enche só pra ver-te,
Tal qual mar que se enche pra molhar-te,
Eu me encho de vontade só pra ter-te:
Em meus braços, me encho pra abraçar-te!

Tal qual fogo que explode pra aquecer-te,
Tal qual vento que assopra pra cheirar-te,
É que eu me explodo em versos pra dizer-te,
E assopro-te-os no ouvido pra amar-te.

E os meus melhores versos de amor fiz-te,
Não sendo escritos, mas alinhavados;
Em beijos e abraços, meu corpo quis-te.

Nas noites de lua — e em ti, o abrigo —
É que eles estão, pra sempre gravados,
Pois amar-te é fazer-te o amor, contigo.

ETERNIDADE E OUTROS POEMAS

Sininha Porto Ferreira



Maria Afonsina Ferreira Matos (Sininha Porto Ferreira) Sininha, apaixonada por palavras... Cresceu entre histórias e percebeu cedo que poderia transpor fortalezas com o verbo... Paixão e poder abriram caminho para Licenciatura, Mestrado, Doutorado em Letras, Pós-doc em Educação, além de uma vida acadêmica focada na leitura/livro/leitor. Criou o Programa “Estação da Leitura”, dando vida a projetos. É Profª aposentada da UESB, Psicanalista e *Coach*, além de escrever e palestrar. Ocupa a Cadeira 33 da ALJ, com patrono J. Amado.

ETERNIDADE

Procuró uma palavra
Que borde o meu sentimento...
Que jogue flores ao vento...

Uma palavra capaz de alcançar as estrelas
e de deslizar nas ondas do tempo...

AMANHECENDO

A noite já se escondeu...
Restos de sombra correm assustados...
Uma cascata de sol derrama ondas
de cor e calor...
Uma claridade farta imunda o riso...
Raios de luz dedilham as cordas
do coração...
A vida amanhece na pele macia.

Estoura o verde.
O canto agreste explode em gorjeio.
A natureza bombardeia a seca daninha.
Um horizonte sem tamanho ocupa
os sentimentos...
A fé adormecida acorda com
vontade...
A terra se levanta e invade os
sonhos...
A ilusão venceu mais uma
batalha.

MEU QUERER

Quero mergulhar no seu abraço,
me afogar nessa vontade infinita
e furar as ondas dessa falta de horizonte...

Quero viver nas montanhas...
Quero ficar presa no trânsito das nuvens...

No último andar de uma árvore:
fazer meus apontamentos,
deixar o coração desfolhar antigas lembranças,
estender meus olhos cumpridos pelas distâncias
sem fim.

Quero me perder na poluição sonora das
aves silvestres...

Quero me encontrar sempre entre
as cores da primavera...

ESTAÇÕES

As montanhas guardam histórias:
de ontem,
de hoje,
de noites e dias...

As montanhas contam histórias:
ao vento,
ao tempo,
às estrelas e ao firmamento...

As montanhas esquecem as histórias:
do verde nos sentimentos...
de pássaros no pensamento...
dos rios de encantamento...

Essa montanha virou pedra
sem caderno de recordação,
terra murcha,
sem lembranças de flores e frutos.

FLORES NA JANELA

Rosas ensanguentadas de cor
sopram beleza na janela,
brincam com os aromas da vida,
soltam fios de delicadeza sobre
os espinhos salientes

Tudo é um jogo de paciência.
A brisa não pode abafar o
urro dos motores...
Uma faca trespassa um peito
morto de tédio...
E a alegria perdeu a cor
na geometria do tempo...

SIGNI-FICADO

Fonte luminosa é um feixe de
arco-íris...
Arco-íris é a caixa de lápis
de cor de Deus...
Lápis de cor é emoção cristalizada...
Emoção é o claro-escuro do
coração...
Coração é o lugar de poesia...
Poesia é o mundo visto
de outra maneira...
O mundo é esse grande livro
aberto...

A LUA

Ontem,

A lua me visitou.

Contou segredos do céu –

disse:

que as nuvens andam cheias,

que as estrelas estão minguantes,

que a escuridão anda crescente

que, num raio de muitas milhas

espaciais,

não há uma boa nova...

E, depois de fuxicar a noite inteira

sobre o tédio celestial. Cansada,

ela saiu de mansinho...

pra se esconder dos sorrisos da madrugada...

DO CONTRA

Sou feita de teimosia

Desobedeço-me sem o consentimento alheio

Sem autorização prévia, contario os

sentidos do mundo.

Na contramão dos lugares,

faço o que me dá na telha,

ponho atalhos no vento,

corto os caminhos da chuva

e, como quem não quer nada,

atravesso as estradas da luz.

O TEMPO

O tempo bateu na janela,
contou histórias do vento,
fez manhas nos cabelos da boneca,
derrubou da estante uma fotografia...
Depois, se afastou devagar e...
e esse breve instante da vida
foi caindo no esquecimento...
O tempo sumiu na estrada,
sem olhar para trás.

NATAL

Num piscar de lua,
as estrelas se deram as mãos,
cantaram cantigas de ninar
pra aquecer o Menino Jesus.
O presépio se vestiu de beleza...
Um palácio de alegria
se desenhou no coração dos homens...
e uma chuva de bênçãos caiu
suavemente sobre a terra...

FUNDAÇÃO
PEDRO CALMON



Governo do
Estado da Bahia
Secretaria de Cultura